

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Licia Oliveira Souza

Jornalismo e biografias:  
Reconstruções de identidades e a busca pelo humano

Juiz de Fora  
Dezembro de 2008  
Licia Oliveira Souza

Jornalismo e biografias:  
Reconstruções de identidades e a busca pelo humano

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado como requisito para obtenção de  
grau de Bacharel em Comunicação Social  
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Iluska Maria da Silva Coutinho

Juiz de Fora  
Dezembro de 2008  
Licia Oliveira Souza

Jornalismo e biografias:  
Reconstruções de identidades e a busca pelo humano

Trabalho de Conclusão de Curso/ Dissertação apresentado (a) como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Iluska Maria da Silva Coutinho

Trabalho de Conclusão de Curso / Dissertação aprovado (a)  
em 24/11/2008 pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF) – Orientadora

---

Prof. Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Campanha da Rocha Ribeiro (UFJF) – Convidada

---

Prof. Ms. Diana Paula de Souza (UFJF) – Convidada

Conceito obtido \_\_\_\_\_

Juiz de Fora  
Dezembro de 2008  
**AGRADECIMENTO**

*Agradeço a todos aqueles que me acompanharam durante esta jornada de quatro anos e me incentivaram a continuar, principalmente quando fraquejei, no momento mais difícil e inesperado. Obrigada pela dedicação e carinho.*

Biografia é jornalismo; biografia  
também é literatura.

*Alberto Dines*

## **RESUMO**

Este estudo pretende analisar como o jornalismo contribuiu para a produção biográfica, que teve um crescimento significativo nos últimos anos, e quais os conceitos que podem ajudar as biografias contemporâneas a resgatarem o lado mais humano da pessoa biografada e não se ater somente à obra. Conceitos de jornalismo literário, de memória e de identidade são resgatados para mostrarem como são necessários à produção biográfica. Além disso, o próprio método biográfico é estudado para depois se chegar ao ponto de descobrir como o jornalismo pode ajudar no resgate do humano pelo biógrafo. Para o estudo de caso, serão analisadas duas biografias contemporâneas, realizadas no início deste século XXI, em que um novo panorama tecnológico, permite cada vez mais um fluxo avançado de informações. As duas biografias foram escritas por jornalistas-biógrafos experientes, no caso, Fernando Morais, com a biografia do escritor mundialmente conhecido, Paulo Coelho e, Ruy Castro, contando a vida de Carmen Miranda, considerada por ele, a mulher brasileira mais famosa do século XX.

Palavras-chave: Jornalismo. Biografia. Identidade.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2 JORNALISMO E MEMÓRIA: ELEMENTOS PARA A PRODUÇÃO BIOGRÁFICA .....</b>	<b>10</b>
2.1 JORNALISMO LITERÁRIO .....	10
2.1.1 O jornalismo literário como estilo de produção .....	12
2.1.1.1 <i>O novo jornalismo</i> .....	14
2.2 MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE .....	16
2.2.1 Memória e jornalismo: .....	19
2.2.1.1 <i>Lugares de memória</i> .....	22
2.2.2 Memória e identidade: .....	23
<b>3 BIOGRAFIAS: RECONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES .....</b>	<b>25</b>

3.1 RECURSOS PARA A RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM BIOGRAFIAS ..	26
3.1.1 Fontes .....	27
3.1.2 Narração: recursos do Jornalismo Literário .....	29
3.2 OS RUMOS DA INTERPRETAÇÃO SOBRE O BIOGRAFADO .....	31
3.2.1 Descendência .....	31
3.2.2 Fatalismo e extraordinariedade .....	33
3.2.3 Verdade e Transparência .....	35
3.2.4 Tempo .....	39
<b>4 A BIOGRAFIA E OS NOVOS HORIZONTES .....</b>	<b>41</b>
4.1 A BUSCA PELO HUMANO: OBRAS ESCOLHIDAS .....	43
4.1.1 Fernando Morais e <i>O Mago</i> .....	44
4.1.2 Ruy Castro e a “pequena notável” .....	45
4.2 ANÁLISE BIOGRÁFICA .....	46
4.2.1 Cronologia .....	47
4.2.2 Realizações da vida .....	55
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>61</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>



## 1 INTRODUÇÃO

“Falar de história da vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e (...) é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como história e o relato dessa história.” (BOURDIEU, 1998, p. 183).

Na década de 1990 biógrafos com formação ou experiência em jornalismo foram destaques em listas de best-sellers. O número de publicações deste tipo de conteúdo tem crescido cada vez mais e hoje é considerado o segmento do mercado editorial mais lido dentre a literatura de não-ficção. No Brasil e no mundo, muitos jornalistas passaram a se dedicar exclusivamente “a escrever biografias e/ou participar da produção de documentários biográficos audiovisuais,

radiofônicos e, a partir do final dos anos noventa, também para a Internet” (VILAS BOAS, 2006, p.12).

Geralmente são jornalistas que trabalharam para várias editorias de jornais, revistas, rádios ou tevês como “repórteres especiais”, ou seja, que abordam qualquer tipo de assunto. Cada vez mais, alguns jornalistas buscam como alternativa editorial a apuração do que não é cotidiano, com narrativas em que reconstroem histórias e identidades. Ao mesmo tempo, o jornalismo tradicional se apresenta fragmentado, e pode todos os dias expor a vida do possível biografado. O fluxo de informações sobre o biografado é cada vez maior à medida que as tecnologias chegam ao âmbito da comunicação.

Esta monografia propõe um estudo sobre a reconstrução de identidades e as formas de se fazer essa reconstrução em uma época em que “[...] a realidade se apresenta de formas múltiplas e desconexas” (PENA, 2004, p. 16).

O fazer biográfico, quando realizado por jornalistas traz duas questões importantes. A primeira é que a biografia poderia ser classificada como uma das alternativas possíveis para o jornalismo literário. Sendo assim, usaria dos recursos de apuração e narrativa estilística nesse tipo de jornalismo para se contar a história de alguém. O segundo ponto é o resgate da memória. Nas relações de mídia e memória, compreender como o fazer biográfico nos traz à tona tempos passados e qual a diferenciação da biografia como forma de memoriar e as outras relações da memória com a mídia é um dos objetivos dessa monografia.

E por isso, também, é necessário analisar como a retomada da memória é importante para o processo de reconstrução de identidades, mesmo que ela não seja feita seguindo padrões de ordem cronológica, por exemplo. Afinal, grande parte das vezes os acontecimentos da vida não são lembrados em ordem cronológica.

O interesse de leitores por biografias demonstra que conhecer o indivíduo, sua história e passado, ainda tem importância e “o universal está embutido na particularidade de um indivíduo. O leitor se projeta em outras vidas” (VILAS BOAS, 2002, p.37). Ao se interessar por uma biografia, o leitor está buscando uma história de vida, e, por isso, é preciso lembrar que vida e obra podem caminhar sempre juntas, mas que, no relato de uma história de vida, não há na maioria das vezes tanta necessidade de explorar a obra do biografado

Por isso, a monografia também pretende analisar duas biografias contemporâneas, *Carmen, uma biografia* e *O Mago* e descobrir qual é o lado que prevalece em cada uma das histórias: vida ou obra. A proposta enfim é entender quais são os caminhos que o biógrafo pode seguir, a partir de fundamentos jornalísticos para se alcançar o humano.

## **2 JORNALISMO E MEMÓRIA: ELEMENTOS PARA A PRODUÇÃO BIOGRÁFICA**

Biografia, como reconstrução de trajetória de vida, geralmente é soma de elementos interdisciplinares, que se baseiam em análises antropológicas, psicológicas e históricas, mas ao mesmo tempo, hoje, é muito grande o número de jornalistas que utilizam as técnicas de apuração e narração jornalística para o seu trabalho, atuando também como biógrafo.

A biografia, considerada por Felipe Pena (2006, p.21) como uma possibilidade de se fazer jornalismo literário, encontra nos recursos desse estilo jornalístico algumas formas para tornar o texto mais atraente, além de se valer das próprias técnicas de apuração.

A memória é a outra base na qual o biógrafo pode se apoiar a partir da reconstrução de fatos para se chegar à reconstrução de identidades. A memória e o jornalismo possuem uma estreita relação já que o fazer jornalístico proporciona a rememoração através dos acontecimentos que são notícias.

Nas próximas páginas será mostrado o jornalismo literário como ponte para a construção biográfica e como as relações entre jornalismo e memória também participam deste processo.

## 2.1 JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo literário tem muitas definições, de acordo com vários autores. A primeira experiência compreende o período (séc.XIX e início do séc.XX) em que o jornal era composto de textos literários como folhetins, contos, poemas e artigos políticos, transformando-se em um grande veículo para que os escritores ganhassem algum reconhecimento com as suas obras e também uma forma para que recebessem em dia pelo o que escreviam. Para o jornal, essa aproximação com a literatura, também era boa porque atraía mais leitores. Além disso popularizava a literatura, porque os livros eram muito caros e a maior parte das pessoas não poderia comprá-los.

A maior forma de expressão dessa fase foi o folhetim. No entanto, essas histórias eram de ficção e sempre terminavam o capítulo em um ponto culminante para chamar o leitor

para o jornal do dia seguinte. Segundo Felipe Pena, aos poucos, as mudanças geradas pelo capitalismo vão chegando à imprensa e no início do século XX, os folhetins e as outras formas de expressão dentro do jornal passam a dar espaço ao colunismo e depois a reportagem. “A entrevista substitui o artigo político, entre outras mudanças” (2006, p.28-29) \_

É ainda neste início de século XX que o jornalismo se transforma, as redações surgem e assim ganha força um modelo em que os preceitos são a objetividade, a atualidade e a realidade.

“A realidade seria o vetor do discurso, em busca de uma representação da realidade. A objetividade é o contexto factual, a busca pelo fato em si. E a atualidade é o tempo em que se dá a notícia e quanto mais imediato, mais atual” (RESENDE, 2002, p.73-78). Não é o caso da literatura não aparecer mais nos jornais, mas é uma transformação que delimita o seu espaço.

Na década de 50, este modelo já está consolidado e assim surgem os suplementos literários dos jornais, especializados principalmente na crítica literária. Em termos de linguagem, não se pode dizer que o jornalismo abandonou definitivamente a linguagem literária ao longo dessas transformações, apesar de ter se voltado para a busca da objetividade no método e na narrativa. O jornalismo utiliza características da literatura, mas transforma-as para retratar o real, o factual. E é assim, reciclando técnicas da literatura que o jornalismo literário pode ser classificado como um modo de criação e não só mais como uma parte histórica do jornalismo ou a crítica e suplementos literários de um jornal.

O segmento do jornalismo literário tem vertentes como “o novo jornalismo, o gonzo jornalismo, o romance-reportagem e a biografia” (PENNA, 2006, p.21). Esta última como espaço para o jornalismo literário é foco desse estudo. Depois de todas as transformações sofridas e sob o domínio da objetividade no fazer jornalístico, esse tipo de criação sai dos moldes estabelecidos

das redações, buscando uma nova forma de se expressar, mostrando o outro lado da história que está sendo reportada. No entanto, não é o caso de se descartar o que foi aprendido nas redações. Pelo contrário, é o aprimoramento das técnicas usuais do jornalismo que permite ao profissional exercitar novas formas do fazer jornalístico. No caso das biografias, o contar da história da vida de alguém e do contexto da época em que ela vive (ou viveu) seria uma muito mais difícil sem a utilização desses recursos. \_\_

### **2.1.1 O jornalismo literário como estilo de produção**

Ao falar do objeto de estudo biografia, antes é necessário passar pela o jornalismo literário como estilo de produção e não apenas como parte da história do jornalismo. O jornalismo literário se utiliza dos recursos de apuração, interpretação e narrativa das redações, mas os potencializa e os desenvolve. Para isso é necessária, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras características.

Outro aspecto é a ultrapassagem dos limites do cotidiano, ou seja, a partir do jornalismo literário há o rompimento com a periodicidade e a atualidade, definidos pelo teórico alemão Otto Groth (apud LIMA, 2004, p.12) como o primeiro conceito sendo a repetição regular no tempo das diferentes edições de um periódico e a atualidade, o fato que apresenta uma relação com o momento presente. A proposta do jornalismo literário é oferecer ao leitor uma visão ampla da realidade, contextualizando a informação. Até mesmo a escolha do tema não pode ser esquecida: é importante saber como o assunto escolhido pode ajudar na formação de cidadãos.

Além disso no jornalismo literário há uma forma mais livre de escrever o que foi apurado, assim como as fontes não podem simplesmente ser sempre as mesmas fontes oficiais. E por último é o tempo que faz a diferença no jornalismo literário. São obras diferentes das reportagens do cotidiano e, por isso, o objetivo nesse caso é a permanência, não se esquecendo que a realidade é multifacetada e complexa.

Tomando o jornalismo literário como um modo de produção e estudando mais especificamente as biografias, pode se dizer que esse estilo, assim como outras formas de construção jornalística, é guiado pelos fatos. Alceu Amoroso Lima diz que a objetividade é traço natural do jornalismo como gênero literário (1969, p.53). O mais importante segundo esse autor é manter o contato com o fato e suas derivações: a informação, a formação, a atualidade e o estilo.

Também há algumas considerações sobre a literatura de ficção e o jornalismo literário. No caso da literatura de ficção não quer dizer que o que está sendo relatado seja irreabilidade. E quando se fala de jornalismo literário, os fatos não são criados pelo autor, mesmo que a sua narrativa se assemelhe ao modo romanceado. O modo como a história é narrada é que a faz se tornar mais atraente, mas isso não quer dizer que por causa dos fatos estarem escritos daquela forma sejam ficcionais.

Fernando Resende vê a busca pela objetividade da seguinte maneira: A linguagem jornalística não precisa estar somente presa ao contexto factual no qual ela se processa. No texto – jornalístico e/ou literário – traços factuais e traços ficcionais podem se cruzar (2002, p.79-80).

No caso da produção biográfica, são os vários fatos que compõem a vida do biografado que serão buscados pela apuração jornalística, além da utilização de elementos interdisciplinares, como a pesquisa histórica e análise antropológica. E é a reunião desses fatos apurados que dará origem a biografia de alguém especificamente. No entanto, a forma como se

narra esta história é um grande diferencial para especificar quais são as biografias que tem cunho jornalístico.

#### 2.1.1.1 *O novo jornalismo*

Considerando o jornalismo literário como um modo de produção, a vertente do Novo Jornalismo foi e é ainda muito importante para a construção biográfica. O Novo Jornalismo começou a se desenvolver nos EUA, na década de 60, quando alguns jornalistas perceberam que o romance literário não abrangia as mudanças que estavam acontecendo no contexto sócio-cultural daquela época como a contra-cultura, o movimento negro, etc. Outro fator era a divisão dentro das redações entre repórteres que faziam matérias extremamente factuais, “quentes” e os que faziam as de interesse humano, como pautas “frias”. Esse espaço nos jornais e o contexto literário abriram uma brecha para que os jornalistas experimentassem um tipo de produção diferente.

Eles partiam do próprio factual, mas aos poucos buscavam outros temas e tentavam se aprofundar na realidade. Era a “objetividade de captação linear, lógica que somava-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real”<sup>1</sup> (LIMA, 2004, p.195). A apuração jornalística detalhada se une a um novo estilo de narrar que se aproxima do estilo ficcional, mas são histórias factuais.

Nos artigos de Tom Wolfe, considerado um dos pais do Novo Jornalismo, “o narrador está sempre fazendo um recorte da vida ou relatando pedaços de narrativa cotidiana que

---

<sup>1</sup> Grifos do autor



parecem estar sempre por recomeçar” (RESENDE, 2002, p.47). Gay Talese, por exemplo, narrou histórias de anônimos e de famosos, que anos mais tarde depois seriam reunidos em *Fama & Anonimato*. Neste livro, Talese reúne reportagens que escreveu principalmente na década de 60, como por exemplo, uma na qual vivencia com trabalhadores a construção de uma ponte em Nova York, assim como descobre que o cantor Frank Sinatra tornava-se uma pessoa intolerante quando ficava resfriado. O livro apresenta perfis de pessoas, partindo de apurações jornalísticas, de recursos jornalísticos, como no caso de Sinatra (o repórter seguindo-o à distância) ou vivendo diariamente com eles (na construção da ponte).

No Brasil, ainda na década de 60, dois veículos, em particular, se destacaram como meios de expressão do Novo Jornalismo: o Jornal da Tarde e, principalmente, a revista Realidade. Com temáticas que antes tinham pouco espaço ou nenhum, nos jornais e revistas da época, as matérias de Realidade possuíam uma proposta de cobertura ambiciosa, cuja apuração e redação, em alguns casos, levava meses. As edições eram mensais, e os temas não eram os fatos isolados, mas o contexto em que eles aconteciam.

A revista conseguiu grande sucesso, mas o decreto do AI-5, em 1968, pelo governo militar começou a desestruturar o que foi conquistado pela publicação, desde sua criação em 1966. Aos poucos foi definhando até desaparecer na década de 70.

Alguns recursos utilizados pelo Novo Jornalismo proporcionaram um novo jeito de apurar e narrar os fatos, que ainda hoje são pertinentes também para o fazer biográfico. São estratégias como o reconstruir da história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens. Cada um desses recursos será detalhado mais adiante, assim como a forma em que serão empregados pelos biógrafos.

## 2.2 MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE

A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo, e esse tempo não flui uniformemente. Em cada sociedade, o homem torna o tempo um componente humano. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa: a noite serena da criança, a noite profunda e breve do operário, a noite infinita do doente desperto, a noite paranóica do perseguido. (VILAS BOAS, 2006, p.188).

Hoje, tem-se a impressão de que a sociedade aponta cada vez mais para o futuro, que se atualiza velozmente e ainda é impulsionado pelos grandes aparatos tecnológicos e comunicacionais. No entanto, o passado é uma referência simbólica para a cultura contemporânea e o novo parece estar cada vez mais associado ao antigo.

Assim, as novas tecnologias de comunicação (satélites, fibras óticas, redes informatizadas), aliadas ao processo de globalização, “contribuem para aumentar a experiência para além das fronteiras territoriais que definem as comunidades de pertencimento e provocam uma distorção no espaço-tempo.” (RONDELLI e HERSCHMANN, 2000, p.202).

Dentro da questão espaço-tempo, está a memória que pode ser definida como “a designação do passado como presença viva e ativa dos sujeitos que produzem discurso e é um processo complexo que articula recordações e esquecimentos” (BARBOSA, 2001, p.106). É uma reconstrução seletiva, baseada em ações, em percepções e novos códigos através dos quais se delinea, se simboliza e se classifica o mundo. Para Marialva Barbosa a memória não preserva o passado e sim o adapta para enriquecer e manipular o presente, e por isso mesmo é sempre uma ação que se desenvolve no presente. São escolhas entre lembranças e esquecimentos, já que só é possível recordar quando é possível esquecer.

“A memória, de qualquer forma, parece requerer esforço e trabalho; o esquecimento, ao contrário, simplesmente acontece” (HUYSSSEN, 2005, p.23). Um exemplo citado por Andreas Huyssen (2005, p.25-26), é que com o fim da ditadura militar na Argentina, em 1983, há um esforço para que não se esqueçam dos “desaparecidos” – vítimas do Estado. Huyssen diz que o esquecimento seria confortável para boa parte da sociedade argentina, mas a luta por direitos humanos, levou ao reconhecimento da natureza criminosa do regime militar. Para esse autor, a lembrança da ditadura foi fundamental para a transição à democracia.

Os quadros sociais da memória não são estáticos, sempre se tem a ilusão de repetição e assim tem-se a impressão de que a memória fará rever o passado. No entanto, a medida em que o papel do indivíduo muda dentro de um grupo, os quadros de memória também se modificam: “Um livro lido na infância, por exemplo, terá hoje uma significação completamente diferente daquela do passado. Mas o texto não mudou. O que mudou foi o ponto de vista social de onde se parte para organizar a leitura” (BARBOSA, 2008, p.8-9).

“A memória é um fenômeno individual, mas também coletivo e social, porque sempre está submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes” (POLLACK, 1992, p.2), apesar de alguns pontos não mudarem. Os elementos que constituem a memória (individual ou coletiva) são os acontecimentos, as pessoas (ou personagens) e os lugares de memória. Para Michael Pollack, os acontecimentos podem ser aqueles que são vividos pessoalmente ou os “vividos por tabela”, ou seja, aqueles que são vividos pela coletividade ou pelo grupo ao qual a pessoa pertence ou se sente pertencer.

São acontecimentos dos quais a pessoa não participou, mas dentro de seu imaginário, ela não sabe distinguir se realmente participou ou não. No caso de biografias, que compõem este

estudo, por exemplo, para os leitores de *O Mago* (biografia de Paulo Coelho), é provável que muitos de seus contemporâneos possam sentir como se tivessem vivido as mesmas situações que o escritor, como por exemplo, o fato de terem amigos e conhecidos, presos pelo regime militar.

Além disso, a memória é constituída por *pessoas, personagens*, que também sofrem o mesmo tipo de reação dos acontecimentos. São personagens que realmente foram encontradas ao longo da vida, assim como as que se tornaram conhecidas mesmo não pertencendo ao mesmo espaço-tempo que o indivíduo. Outro exemplo, ainda utilizando as biografias, é a figura da cantora Carmen Miranda, que ainda tem uma forte presença na cultura nacional, e por isso mesmo, consegue despertar o interesse nas pessoas que não são da mesma época que ela e não vivenciaram o auge de sua carreira.

Também existem os lugares de memória, que serão abordados com mais detalhes mais adiante. São lugares ligados a lembranças que podem ser pessoais ou que não tenham apoio no tempo cronológico. “Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração” (POLLACK, 1992, p. 3).

Em vários estudos sobre a memória, foi observada a multiplicação de práticas voltadas para o passado e um grande interesse pelo memorável na contemporaneidade. A restauração de centros urbanos, a moda retrô, o sucesso de narrativas históricas e da literatura memorialista, a multiplicação dos espaços de comemoração, crescimento de documentários no cinema e na televisão, podem ser considerados exemplos de cultura da memória. Como também o processo de arquivamento, já que com o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação, é possível arquivar praticamente tudo.

Recorrer à memória pode ser uma tentativa para encontrar estabilidade diante das mudanças e da reordenação espacial e temporal do mundo. E por isso, torna-se necessário lembrar que a própria memória se espetaculariza e se torna objeto de consumo.

Dizer que as práticas mnemônicas da contemporaneidade são marcadas pela mercadorização e espetacularização não significa, no entanto, – como lembra Huyssen – que inevitavelmente se banalize o passado. Tudo depende do contexto e das estratégias específicas de representação. Na realidade, a questão está justamente em entender como a amnésia e a memória podem coexistir e se relacionar, mesmo que de forma tensa e contraditória. (BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p.4-5)

Dentro do grande interesse pela memória está a valorização de produtos de cunho biográfico e a valorização daquela que é individual. Conseqüentemente “uma valorização do papel do sujeito na história” (BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p.4-5) e demonstram a importância que tem a memória para a cultura contemporânea.

A curiosidade que esse tipo de material pode despertar, tem um pouco de interesse pela vida mundana, mas por outro lado, como lembram Rondelli e Herschmann, satisfaz um certo sentido de continuidade do tempo, de identificação com antepassados e de fazer com a experiência do presente se inspire na vida de outros, anteriores ou contemporâneos, criando laços de continuidade e resgatando um pouco a coletividade (2000, p.202).

A construção biográfica, nesse contexto, pode ser entendida como um produto importante para o mundo contemporâneo. Principalmente, porque sua articulação com diferentes mídias, ou seja, tanto a forma biográfica escrita ou audiovisual, e até mesmo na internet, torna-a crucial para a atribuição de sentido e significado à “realidade” num mundo marcado pela dispersão, efemeridade e pluralidade.

### **2.2.1 Memória e jornalismo:**

Os meios de comunicação e os jornalistas seriam, para Marialva Barbosa, responsáveis por fazer memória, já que a mídia retém assuntos que, se tiverem identificação com o leitor, são sempre atualizados. “Ao selecionar temas que devem ser lembrados e ao esquecer outros, produzem, a partir de critérios altamente subjetivos, uma espécie de classificação do mundo para o leitor.” (BARBOSA, 2008, p.1). A mídia, por ser considerada como portadora de um discurso válido que pode ser transformado em documento, transforma os jornalistas em “senhores da memória” da sociedade.

Não é que os meios de comunicação sejam os únicos, mas “são os principais atores na realização de um enquadramento sobre o passado das coletividades” (RIBEIRO E BRASILIENSE, 2006, p.4). É através deles que se realiza a operação da memória sob os acontecimentos e as interpretações do passado que se quer proteger. E as notícias são, do ponto de vista jornalístico, diferentes da história. No entanto, ambas são, em essência, relatos mediados pela subjetividade e pela interpretação do narrador.

O controle da memória social parte de “testemunhas autorizadas” e o jornalista, mediador entre o fato e o leitor, como também entre passado e presente interfere neste processo, não só enquadrando os fatos, mas reconstruindo valores e identidades no controle da realidade, assim como atualizando os fatos, e também recuperando-os e celebrando-os. Conseqüentemente, criando novos acontecimentos.

Assim, ao selecionar o que deve ser notícia e o que vai ser esquecido, ao valorizar elementos em detrimento de outros, a mídia reconstrói o presente de maneira seletiva, construindo hoje a história desse presente e fixando para o futuro o que deve ser lembrado e o

que precisa ser esquecido. No processo entre lembranças e esquecimentos, a mídia seria responsável pela produção de acontecimentos “como algo que emerge na duração, a partir do pressuposto de que este fugiria aos padrões da realidade” (BARBOSA, 2008, p.2)

Ao recordar um número limitado de acontecimentos, ao dar preferência a uns acontecimentos e entregar outros ao esquecimento, mas principalmente ao manter um mesmo fio condutor, percebe-se que os relatos individuais são instrumentos de reconstrução de identidades e não somente relatos factuais. Para Marialva Barbosa (2001, p.109), “uma condição *sine qua non* do discurso é que tenha significado, mas não é condição que seja verdadeiro”.

“O jornalista escolhe os elementos do seu relato, mesmo quando pretende que nada lhe escape” (BARBOSA, 2008, p.2). O conjunto de unidades registradas será sempre um subconjunto do que realmente se passou. Assim, os meios de comunicação registram, de preferência, fatos que os jornalistas estão convencidos de terem visto ou compreendido e decompõem o tempo vivido em uma seqüência de unidades individualizadas. E não possibilita a existência daquilo que realmente aconteceu, na medida que a compreensão não é intuição direta, mas sempre reconstrução.

É necessário considerar, além disso, que a narrativa do acontecimento não é somente uma descrição simples das mudanças percebidas. “O jornalista confere a ele uma significação a aquilo que disse, mesmo quando não existe um propósito deliberado nele” (BARBOSA, 2001, p. 110).

O percurso que traz o passado para o presente é trabalho de memória em forma de narrativa que se apresenta como fato jornalístico.

O passado ao retornar ao presente do jornalismo é trabalho de memória: com que método se vincula à história ao jornalismo para lhe ser fiel? Que lembranças são ativadas, que lembranças são esquecidas? qual sua utilidade no presente? Qual o sentido às datas, números, nomes e acontecimentos quando atualizadas pelo jornalismo? [...], o sentido jornalístico vai desde lembrar o que não nos é permitido esquecer até lembrar para estar de acordo com as leis do mercado que comercializa e lucra com o passado envolto em nostalgia. (BERGER, 2005, p.68)

No passado representado como lugar fundador de marcas que se desejam preservar “também há lugar para o esquecimento e para as representações de futuro” (BARBOSA, 2006, p. 13), ou seja, o futuro, também pode ser o centro de construções cotidianas que o fazem emergir já no presente, comprimindo o tempo do agora.

#### 2.2.1.1 *Lugares de memória*

Segundo Pierre Nora (1989, p.18) os lugares de memória são locais construídos de forma material, simbólica ou funcional onde são misturados o coletivo e o individual, o sagrado e o profano, o imobilizado e o móvel. É onde guardamos signos de reconhecimento para lembrar, já que as mudanças aceleradas podem provocar o esquecimento dos elementos que fazem os indivíduos pertencerem a um grupo. A memória contemporânea é diferente da memória espontânea vivida nos rituais das sociedades tradicionais ou pré-modernas.

A modernidade, nesta perspectiva, inaugura um novo regime de memória, multiplicando os espaços de rememoração, que podem ser transitórios e até incompletos, mas “refletem o desejo de ancorar um mundo em crescente mobilidade e transformação e de compensar a perda de elementos mais sólidos e concretos que, antes, serviam de referência para os sujeitos” (BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p.3).

A idéia é pensar como, através da apropriação de um real já fragmentado, é possível construir uma visão, ainda que parcial, capaz de ser confundida com o próprio real. No entanto, o



que vemos é uma apropriação deste real através de estratégias enunciativas, onde os fatos são formulados não só a partir do sujeito que fala, mas também na interação com o sujeito que recebe ou que se supõe que receberá.

Os lugares de memória articulam identidades regionais, nacionais, transnacionais e outras. “No mundo contemporâneo, marcado, por um lado, pelo excesso de informação disponível que pode conduzir ao “esquecimento” e, por outro, pela multiplicação de formas, espaços e discursos que visam (re)construir a memória” (RONDELLI e HERSCHMANN, 2000, p.203), as novas tecnologias e a mídia podem ser considerados articuladores de novas experiências sociais, contribuindo para a afirmação e a emergência de identidades, alteridades e territorialidades.

### **2.2.2 Memória e identidade:**

Segundo Andreas Huyssen, a memória pode ser considerada crucial para a coesão social e cultural de uma sociedade, já que qualquer tipo de identidade depende dela. “Uma sociedade sem memória é uma anátema” (2005, p.23).

A memória seria o lugar onde as identidades coletivas são fundadas. Nas estratégias de identificação, os indivíduos escolhem no interior de um repertório: representações, mitos históricos, crenças, ritos, heranças, tudo isso dentro de um registro memorial.

As mudanças sociais aceleradas no mundo fazem com que a memória seja cada vez mais necessária. E as identidades, sempre em mutação, resultam numa sensação de insegurança e

angústia. Nesse contexto, “a memória passa a ser fundamental, porque permite atribuir sentidos à realidade em meio à dispersão e à pluralidade” (BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p.4).

Michael Pollack (1992, p.7) demonstrou que toda memória pressupõe enquadramentos, esquecimentos e silêncios. Afinal são reconstruções, continuamente atualizadas e reconfiguradas. As memórias e as identidades são construções sociais e não objetos naturais, fatos que possam ser tratados fora da linguagem que as formulam e as dinamizam.

Nas construções de memória, no caso da individual, o enquadramento está relacionado a manipulações conscientes e inconscientes dos afetos, dos desejos, dos medos, das inibições. Já na memória coletiva, esse trabalho tem a ver com as lutas de grupos sociais pelo poder de dizer o que é o grupo.

A história oral, por exemplo, é construída em torno das pessoas. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a mesma de dentro da comunidade. “A história oral implica, para a maioria dos tipos de história, uma certa mudança de enfoque, mas também a abertura de novas áreas importantes de investigação” (ENNE e TAVARES, 2008, p.2). As mudanças que a história oral torna possíveis não se limitam à escrita de livros ou projetos, como por exemplo, as biografias.

Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, a memória é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Pollack (1992, p.5), por sua vez, define a identidade como a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida da maneira que quer por outros. A construção da identidade é um fenômeno que se faz por meio da negociação direta com outros. “Memória e

identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais e em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (ENNE e TAVARES, 2008 ,p.3).

Guardar a memória é ser dotado de um conhecimento profundo, diferente do conhecimento superficial partilhado pelo homem comum. Conhecimentos sobre o passado conferem ao seu portador autoridade. “Para se ter uma memória coletiva, é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietário daquela memória” (ENNE, 2004, p.104).

Sendo a memória e a identidade reconstruções, a narrativa biográfica é constituída basicamente a partir da reorganização de fatos que construíram a identidade biografada, assim como os relatos de outros personagens que aparecem durante a vida do biografado. Por isso, a próxima etapa é para descobrir os mecanismos e estratégias utilizados nesse tipo de processo de reconstrução dessas identidades, nas biografias.

### **3 BIOGRAFIAS: RECONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES**

Imaginem a biografia em livro como sendo uma cebola, que possui camadas. A primeira camada é a história de vida do sujeito, sua trajetória, seu destino. A segunda é o modo como essa trajetória é apresentada pelo biógrafo. A terceira envolve a visão de mundo da época em que o biografado viveu; e é na quarta camada, a mais profunda delas, que nós, leitores, podemos saber que facetas do personagem o biógrafo definiu bem, definiu mal ou simplesmente se omitiu (VILAS BOAS, 2008, p.10).

Para a realização de uma biografia seria necessário lembrar-se de que o ser é constituído de várias identidades, como disse Stuart Hall (apud PENA, 2004, p.62), no caso do “indivíduo pós-moderno”<sup>2</sup>. O tempo, nesse caso, seria o fator mais importante já que o sujeito

---

<sup>2</sup> Stuart Hall, no livro *A Identidade cultural na pós-modernidade* (1999), apresenta três concepções de identidade. A primeira relacionada ao sujeito do iluminismo (indivíduo centrado, unificado, dotado de razão e consciência), depois

constrói e desconstrói sua identidade. Afinal, o biografado foi ou é alguém que além do próprio ser que existiu (ou existe), teve (tem) uma imagem que seria sua representação como ser humano, assim como todos os outros indivíduos.

Dentro da imagem do indivíduo biografado estariam presentes várias facetas , sendo que algumas foram mais percebidas por certos tipos de pessoas e outras poucos as conheceram (ou conhecem). Tudo depende do tipo de relação que envolve o biografado com as pessoas mais próximas e também suas ações com reflexos para a sociedade de maneira geral.

Por isso, a relação entre biógrafo e biografado também dependeria do grau de conhecimento prévio que o pesquisador tem sobre o pesquisado, inclusive se eles se conheceram pessoalmente ou estão separados por épocas distintas. “A escolha do personagem envolve razões concretas, *insights*, associações livres, oportunidades, sincronicidades, sutilezas. Nada disso pode estar dissociado do *self* do pesquisador biográfico” (VILAS BOAS, 2006, p.29).

Ou seja, a escolha do personagem a ser biografado surge das necessidades do biógrafo como pesquisador e da empatia que ele tem com o biografado, seja por admiração ou crítica. A indiferença não teria sentido nessa relação.

Os acontecimentos que foram vividos pelo biografado também foram os responsáveis para a reconstrução de sua identidade. Na busca do ser, o jornalista-biógrafo vai se deparar com várias imagens de uma mesma pessoa, aquelas que estão em suas fontes documentais e as que dependem do exercício da lembrança. Mais especificamente neste estudo, o jornalista é o pesquisador que lida com as várias representações daquele mesmo indivíduo. “Sendo o personagem, aquele que está sendo retratado na narrativa, mesmo quando ainda está

---

ao sujeito sociológico, que manteria sua essência, mas a identidade seria formada pela interação entre “eu” e a sociedade. E a terceira relacionada ao sujeito pós-moderno, que apresenta a identidade em mutação. Este último, seria composto de várias identidades, assumindo-as em diferentes momentos e nem sempre estariam unificadas em torno do “eu”.

vivo” (BRAIT, 1985, p.13), já que a biografia não é a pessoa em sua totalidade, mas a reunião de várias facetas, como lembra Sergio Vilas Boas (2006, p.27)

Desse modo, não seria muito adequado que biógrafos, de maneira geral, afirmem que a obra que escreveram seja a definitiva sobre determinado personagem, pois além do surgimento de novas fontes que poderiam alterar de modo significativo a história daquele indivíduo, também não seria possível dois autores ou mais escreverem do mesmo jeito sobre a mesma pessoa, pois cada um dá preferência a aspectos diferentes do mesmo biografado.

O objetivo deste capítulo, portanto, é explicitar quais são os recursos que são utilizados pelos jornalistas-biógrafos, mostrando como o jornalismo, de certa forma, contribuiu para a produção biográfica. Além disso, discute-se como a interpretação dada à pessoa pode resultar em algumas limitações que costumam permear o fazer biográfico.

### 3.1 RECURSOS PARA A RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM BIOGRAFIAS

O jornalismo não-periódico, e dentro dele especificamente o jornalismo literário, apontou alguns caminhos para o fazer biográfico, como já foi visto no capítulo anterior. A partir de agora, será mostrado como os recursos da produção jornalística funcionam na produção biográfica. Afinal, o jornalismo “[...], mais recentemente, começou a desenvolver um conjunto de técnicas, conceitos e princípios que norteiam na jornada de escrever sobre o que aconteceu, sobre o mesmo ‘ontem’ (recente ou longínquo)” (VILAS BOAS, 2002, p.20), sendo que tradicionalmente esta seria uma função somente da História.

Os biógrafos também são autores porque podem escolher quem serão os biografados, no entanto, os fatores que concorrem para a apuração, a interpretação e a narração, nem sempre dependem do biógrafo e por isso, segundo Sergio Vilas Boas, as biografias podem se dividir em:

autorizadas: escritas e publicadas com o aval e eventualmente com a cooperação do biografado e/ou de seus familiares e amigos;  
independentes: (também conhecidas como não-autorizadas) em que o biógrafo investiga sem o consentimento formal do biografado ou de seus descendentes;  
encomendadas: por editores, familiares ou pelo próprio personagem central;  
ditadas: em que o biógrafo escreve uma autobiografia ou memórias em nome do personagem central, no papel de *ghostwriter* (VILAS BOAS, 2002, p.48).

Porém, seja qual for o tipo de contrato biográfico estabelecido, é difícil que haja total independência, pois, para todo o processo da produção biográfica, desde a captação até a edição, o biógrafo terá que passar por vários setores que, de certa forma, estão envolvidos com sua obra.

### 3.1.1 Fontes

O primeiro passo para o início de uma biografia é a captação de dados e informações, que é realizada através das fontes. Ou seja, são documentos (oficiais e não-oficiais), correspondências, fotos, diários, *clippings*, livros de memória e autobiografias, entrevistas de reconstituição e compreensão. Segundo o jornalista Sergio Vilas Boas (2002, p.55), elas podem ser fontes primárias (ou estáticas) e secundárias (ou dinâmicas). As primeiras são as que não dependem<sup>3</sup> diretamente da memória do ser humano presente no momento da investigação, como documentos, correspondências, diários, entre outras. Já as segundas são as que necessitam

---

<sup>3</sup> Segundo Marialva Barbosa muitos dos recortes do passado são articulados com o conhecimento do presente e por isso, esses recortes seriam apenas vestígios.

diretamente do exercício de lembrança, da remontagem do passado. São as entrevistas (orais ou por escrito) feitas pelo biógrafo no presente do processo de captação.

Ainda segundo Vilas Boas, os documentos seriam as melhores fontes dentro das primárias por serem dos mais variados tipos como certidões, certificados, textos de jornais, etc. Assim como trazem informações que se tornaram públicas sobre seus personagens. Já as cartas, são uma forma de tentar desvendar a identidade tanto do remetente quando do destinatário, principalmente se o biografado tiver muitas correspondências com um interlocutor em particular. E a linguagem é diferenciada de acordo com o grau de intimidade entre remetente e destinatário.

As autobiografias e memórias também seriam classificadas como fontes primárias, porque apesar de serem compostas por lembranças do biografado ou de terceiros, o lembrar não acontece no momento da pesquisa biográfica, por que já ocorreu antes. Sendo esta a diferença entre o relato autobiográfico e as entrevistas. Também é uma forma de expressão da consciência do biografado. Porém, tanto as entrevistas quanto os relatos autobiográficos são interferidos pela memória, ou seja, o enfoque está relacionado a manipulações conscientes e inconscientes dos afetos, dos desejos, dos medos, das inibições, e por isso não seriam objetivos.

“As fontes secundárias são um exercício de lembrar. Mas lembrar não é viver, e sim refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado (de ontem ou de muitas décadas atrás)” (VILAS BOAS, 2002, p.64). Ao recordar o passado no presente, as imagens, que compõem a identidade, ganham contornos diferentes. E depois de todo o processo de investigação e pesquisa, o próximo passo é saber qual a melhor maneira para narrar a história do biografado. A seguir, apresenta-se alguns recursos de narração utilizados na produção biográfica que são baseados no jornalismo literário.

### 3.1.2 Narração: recursos do Jornalismo Literário

O jornalismo é um segmento da comunicação de massa que tem as funções básicas de informar, explicar, e orientar. E é justamente o desempenho da tarefa informativa e orientativa que o diferencia de outras atividades. “A narrativa jornalística tem preceitos próprios, que se desenvolvem com o tempo, a fim de expressar sua mensagem, de relatar as ocorrências sociais a um público disperso e heterogêneo” (LIMA, 2004, p.16).

Em uma biografia, a narração alterna descrição e contextualização sem permitir ausências prolongadas dos personagens. “O ser humano é a ‘razão de ser’” (VILAS BOAS, 2002, p.72). Ou seja, a narrativa traz a informação, a história de um indivíduo real e ao mesmo tempo pode se utilizar de recursos do Jornalismo Literário para tornar a narração focada no biografado.

Os recursos narrativos que seguem são inspirados em características do Novo Jornalismo, abordado no capítulo anterior. O primeiro seria a construção cena a cena, que é o relato detalhado do acontecimento na medida em que ele se desenvolve, desdobrando-o ao leitor, presentificando a cena, ou seja, “apresentando a vida em desenvolvimento para o leitor, não necessariamente empregando o tempo verbal presente” (LIMA, 2004, p.208) No trecho a seguir, o biógrafo Vagner Fernandes reconstitui a cirurgia que vitimou a cantora Clara Nunes, na biografia *Clara Nunes: guerreira da utopia*.

Antonio Vieira de Mello deu início à operação. Clara estava anestesiada em função de uma mistura de halotano, protóxido de azoto e oxigênio. Tudo corria normalmente. A perna direita já havia sido operada e a segunda já estava sendo suturada, quando Antonio Vieira de Mello percebeu que o sangue de Clara apresentava uma coloração diferente, mais escura. O médico assustou-se. Voltou-se para o anestesista e pediu-lhe que aferisse a pressão. Naquele tempo, com aparelho ainda manual. A pressão arterial de Clara estava em queda, a artéria femoral estava sem pulsação. Ela estava tendo uma parada cardíaca. A equipe entrou em ação. Dr. Antonio Vieira de Mello mandou fechar a saída do anestésico e aumentar para 100% a entrada de oxigênio no tubo traqueal. Em intervalos de segundos, era verificado o pulso na femoral para certificar-se da ausência



de batimentos cardíacos. A compressão torácica externa já começara a ser realizada, mas foi interrompida. Como o coração fibrilava, lançaram mão do choque elétrico. [...] Vieira de Mello colocou os eletrodos sobre o tórax de Clara e deu o choque. O coração voltou a bater novamente. Alívio geral. Os sinais vitais foram recuperados, mas Clara não respondia voluntariamente aos estímulos (2007, p.261-262).

Assim como a construção cena a cena, muito utilizada na técnica cinematográfica, também são utilizados diálogos, que geralmente, prendem muito mais a atenção do leitor. Outro recurso, as alternâncias de ponto de vista seriam para Edvaldo Pereira Lima (2004, p.208-209), as apresentações de cada cena ao leitor do ponto de vista de um personagem particular, nesse caso o biografado, e dando a ele a sensação de estar dentro da mente do personagem. Exemplo encontrado na biografia de Assis Chateaubriand, escrita pelo jornalista Fernando Morais.

[...] A cena da antropofagia, em que ele e a filha comiam o bispo Sardinha, se confundia com outra, onde aparecia um menino pálido e magro como uma lagartixa, sentado sozinho sobre uma pedra grande, no meio da caatinga. O menino tentava falar, mas a voz não saía, cortada por uma gagueira atroz. Em seguida voltavam a vertigem, os pedaços do bispo, a espiral, o negrume. Desistiu de tentar entender onde estava e o que lhe acontecera (MORAIS, 1994, p.28).

De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2004, p.205-206), a reconstituição minuciosa talvez seja a ferramenta mais imprescindível para os biógrafos e a menos compreendida pelos discípulos da objetividade. É a reconstrução de cenários, gestos, mobiliário, vestuários, gesticulações, entre muitos outros detalhes que a cena ou a época em questão possa conter. Na biografia da cantora Carmen Miranda, escrita por Ruy Castro, em vários momentos há esse tipo de reconstituição, como no exemplo abaixo.

Com a mesma baiana que usara na Casa Branca, de brocados dourados, vermelhos e prateados, Carmen finalmente entrou sob aplausos. A cestinha de frutas crescera para os lados e para o alto; uma catarata de colares e balagandãs tinha se incorporado à fantasia; e a gesticulação também parecia diferente. Para a platéia, aquela era a nova Carmen [...]. Carmen dirigiu-se em inglês à platéia: “*Good night, people!*” – em vez do tradicional e (muito mais ela) “Oi, macacada!”.

Não houve grande resposta.

Carmen abriu com “*South American Way*”. Pelo menos três minutos seguintes, gelo na platéia. O samba-rumba, muito fraco para os padrões brasileiros, teve de arrastar-se

sozinho até a última nota. [...] Ao fim do número, não houve vaia, mas aplausos tíbios e espaçados. E, mais que tudo, silêncio – um silêncio cheio de sons de desconforto: resmungos em surdina, bufadas involuntárias, corpos se ajeitando nas cadeiras (CASTRO, 2005, p.249).

Visto quais são os recursos para a captação e a narração biográfica, é necessário apontar quais são os caminhos para onde a interpretação do jornalista-biógrafo leva a biografia.

### 3.2 OS RUMOS DA INTERPRETAÇÃO SOBRE O BIOGRAFADO

Depois do processo inicial de captação de material para a produção biográfica, ao narrar a vida de seu biografado escolhido, o biógrafo elenca alguns aspectos da trajetória de seu personagem que julga mais importantes do que outros, mesmo porque não seria possível expor tudo o que foi apurado, por considerações de espaço, prazo ou outras questões editoriais.

Assim, na sua narrativa, o biógrafo pode apresentar ao leitor várias facetas daquele mesmo ser ao longo de toda sua narração. Afinal, “[...] o objeto de estudo não é *o* estudo; o sujeito compreendido pelo biógrafo não é *o* sujeito; a interpretação de uma obra não é *a* obra e muito menos *a* arte” (VILAS BOAS, 2006, p.27).

Um outro aspecto é que muitas vezes o biógrafo é atraído para questões que apesar de importantes para a produção biográfica, podem ser também limitações para a reconstrução da identidade em questão. Elas foram definidas por Sergio Vilas Boas (2006, p.20), em sua tese de doutorado, são: descendência, fatalismo, extraordinariedade, verdade, transparência e tempo.

#### 3.2.1 **Descendência**

Jornalistas-biógrafos geralmente recorrem a pais, avós e bisavós para tentar explicar temperamentos, atitudes destrutivas, fracassos, compulsões, estranhezas, conquistas, etc. “Há os que explicitam ou insinuam relações de causa e efeito entre passado e presente; outros preferem apenas cumprir um ritual: fornecer registros informativos sobre familiares” (VILAS BOAS, 2006, p.40).

Na biografia do jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues, *O anjo pornográfico – a vida de Nelson Rodrigues*, escrita por Ruy Castro, o autor, volta às origens da família Rodrigues em Pernambuco e relata acontecimentos sobre a vida de seus pais, antes mesmo do nascimento de Nelson. Afinal, Mário Rodrigues, pai do dramaturgo, também foi uma figura social importante como político e o jornalista nas primeiras décadas do século XX.

Ninguém consegue calcular o número de filhos que “Barba de fogo” teve fora do casamento, mas os oficiais, com dona Adelaide, foram três: Augusto, Maria e o caçula Mário. Todos podiam ser considerados acima de inteligentes, mas Mário surpreendeu a família ao aprender a ler e a escrever quase na primeira chupeta. A partir daí, sentou-se, cruzou as pernas e tornou-se um leitor compulsivo de jornais. Aos cinco anos, quando criou manualmente um jornalzinho – em tudo parecido com um jornal de verdade –, os parentes não acrescentaram ao fato um mísero ponto de exclamação. Acharam normal. De onde surgiu em Mário a fascinação infantil pelo jornal, não se sabe, mas, de certa forma, esta fascinação (infantil, quero dizer), nunca o abandonou (1992, p.13).

No entanto, muitas vezes a descendência é explorada pelo biógrafo como se fosse a única forma de explicar o caráter do personagem. Nestes casos, os traços herdados, geralmente estão centrados nas figuras do pai e da mãe, principalmente na materna. As mães, segundo Vilas Boas (2006, p.44) podem ser boas ou más, porém, os biógrafos as consideram como “agentes” do destino de homens e mulheres publicamente conhecidos. O problema não estaria necessariamente na função dos pais como formadores ou não de caráter, mas que aquele indivíduo fosse visto

apenas como uma conseqüência do que seus pais foram ou deixaram de ser, ou seja, criando uma visão determinista da identidade biografada.

O jornalista e também biógrafo Alberto Dines (apud VILAS BOAS, 2006, p.69) acredita que quando o biógrafo pesquisa os pais do personagem é porque está procurando “as grandes cargas”, tanto familiares como até mesmo culturais e completa que não se pode descartar a descendência porque a importância também está no ambiente em que aquele indivíduo cresceu.

No entanto, a história da vida seria composta não apenas pelas formações provenientes da família e da sociedade, assim como de necessidades próprias do indivíduo, que não teriam necessariamente relação com o ambiente familiar e coletivo. Os “chamados íntimos” seriam peças importantes para o próximo tópico: fatalismo e extraordinariedade.

### **3.2.2 Fatalismo e extraordinariedade**

Outra questão apontada por Sergio Vilas Boas (2006, p.70), em sua tese de doutorado, intitulada *Metabiografias* é, que muitas vezes, os biógrafos se esquecem de que o personagem se transformou no que era (ou é) não só pelas condições exteriores que o envolveram, mas pela sua movimentação para alcançar o que sempre foi ou quis ser. Além disso, também há uma certa tendência em mostrá-lo como um predestinado ou uma pessoa que sempre obteve êxitos em tudo que fez, mesmo nas condições mais adversas.

E o que acontece muitas vezes é que a essência do personagem vai desaparecendo, na medida em que ele ou ela alcança reputação e assim, torna-se uma narração apenas de seus feitos e conquistas. Por isso, a carreira ou obra do biografado torna-se tão importante,

independentemente dos caminhos que o levaram até suas realizações e de possíveis impedimentos para as tais. Com isso, o leitor pode ser levado a acreditar que o personagem narrado estava predestinado ao sucesso.

Para Alberto Dines (apud VILAS BOAS, 2006, p.89), a sensação é a de que os biógrafos, de maneira geral, “ênfaticamente tanto a obra de seus personagens que acabam desfocando-lhes a vida, ou tornando-a simples trampolim para a 'grande realização inevitável’”. Em muitas biografias, a história de vida pode às vezes ser pretexto para outros objetivos. Mas não são apenas os jornalistas que constroem as narrativas dessa forma, historiadores também costumam se guiar dessa maneira.

Outra dificuldade, geralmente encontrada em biografia de mortos, recentes ou distantes, pode ser a falta de vivacidade. O biógrafo, principalmente, se não teve a oportunidade de estabelecer um contato pessoal com o biografado antes de sua morte, poderia deixar a essência do ser ficar aprisionada a contextos históricos, culturais, descendência, documentos, etc e assim teria dificuldades para descobrir o interior do biografado e resgatá-lo como ser humano.

No entanto, Vilas Boas acredita que no caso do biografado morto, a essência pode ser encontrada nas epifanias, “as manifestações ou percepções da natureza ou do significado essencial de uma vivência. As epifanias são uma apreensão intuitiva da realidade por meio de algo geralmente simples e inesperado, e em geral, simbolicamente revelador” (VILAS BOAS, 2006, p.98).

Outra tentativa de evitar o fatalismo pode ser a procura de outras facetas mais ou menos desenvolvidas do que a faceta profissão/carreira, ou tentar entender como a pessoa construiu o seu legado. “Das epifanias brotam os modos como as pessoas vivem suas vidas, os caminhos que escolheram ou deixaram de escolher para atender aos chamados íntimos” (VILAS

BOAS, 2006, p.99). Além disso, para que o biografado tenha conquistado ou realizado algo, não foi mobilizado apenas seu esforço. Outras pessoas foram seus coadjuvantes e é nesse ponto que ganha destaque uma outra característica encontrada em biografias atuais: a extraordinariedade.

Todo jornalista-biógrafo autoconsciente reconheceria que o mundo das experiências comuns, que se movimentam entre o público e o privado, é importante em uma biografia que pretenda escapar à visão rasa (típica do jornalismo de noticiários) de que uma pessoa constrói sozinha seu universo consagrador (VILAS BOAS, 2006, p.111).

Dessa maneira, o biografado muitas vezes é visto como o superdotado, sem que isso seja necessário para alcançar os objetivos que ele pretendia. Em muitas biografias, a pessoa é mostrada como extraordinária desde criança, muito antes de qualquer previsão do que viria a realizar. Assim, é criada para o leitor, a imagem de que o biografado sempre foi uma pessoa notável, diferente de todas as outras pessoas. No entanto, como os personagens tem várias faces, algumas são mais desenvolvidas que outras. E nem sempre estas são constantes. Além disso, cada indivíduo faz muitas escolhas durante a vida e a escolha ou recusa por um caminho a ser seguido são opções possíveis durante a vida.

Geralmente, nas biografias contemporâneas convencionais, o biografado é visto apenas em termos de carreira/trabalho e o ser tornou-se uma suposição, apesar de parecer concreto. Assim o personagem torna-se um ser extraordinário e fadado ao sucesso, aos olhos do leitor.

### **3.2.3 Verdade e Transparência**

Estes dois tópicos saem da visão construída sobre o biografado e recaem para o trabalho do biógrafo, pois estão diretamente relacionados com a função jornalística. A primeira é sobre a costumeira visão de que a biografia possui a verdade absoluta sobre o biografado. É um ponto de vista que pode partir tanto dos biógrafos como de resenhistas e prefaciadores. Mas reconstruir uma vida em sua totalidade pela escrita é uma situação que nem mesmo a cronologia, a personalidade e as ações do biografado podem tornar possível. “Entretanto, há uma certa tradição biográfica estabelecida, um modelo tácito que opera com uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem dúvida” (VILAS BOAS, 2006, p.126).

Assim torna-se pertinente refletir sobre a questão da verdade como sinônimo de objetividade. Esta última sempre é buscada pelos jornalistas ao fazerem o seu trabalho, como condição de (re)conhecimento, ou seja é a questão da objetividade como um ritual estratégico: “porém, não há como pensar a linguagem jornalística tão-somente sob uma rígida perspectiva do contexto factual no qual ela processa [...], não se constitui da palavra objetiva, sem dobras, mas, como qualquer outro, de universos sógnicos que, *ad infinitum*, representam e significam” (RESENDE, 2002, p.75).

Além da verdade científica, ou seja, fatos que podem ser comprovados, existe também a verdade íntima dos biografados, e que dificilmente um biógrafo poderia acessar em sua totalidade. “A biografia é o recorte de uma vida, não a vida. É um arranjo de vidas a partir de fatos que levam à interpretação de uma vida” (VILAS BOAS, 2002, p.136).

O principal na biografia é o humano e as suas derivações, que são difíceis de serem medidas ou calculadas. Busca-se o real, mas o que aparece transcende o racional. “Quando se constrói ou reconstrói um personagem, ou uma história de vida, as fronteiras do real e do

imaginário se diluem” (MEDINA, 2003, p.117-118 apud VILAS BOAS, 2006, p.132). Os biografados não são consistentes, lógicos, simples e diretos como muitas vezes são mostrados em suas biografias, muitas vezes por causa da grande quantidade de informações.

Não é possível encontrar a “pessoa realmente real” dentro do texto biográfico, mas não é por isso que uma vida não possa ser escrita, já que a vida de um personagem também pode ser obra simultaneamente. A “pessoa real” existiu, e talvez já tenha morrido, mas está na memória de muitas pessoas e experimentou emoções humanas como vergonha, amor, ódio, culpa, raiva, desespero, compaixão, etc. Sendo o indivíduo humano a figura central, o biógrafo constrói na narrativa, episódios do início ao fim da vida do ser biografado. Nesse sentido, a biografia também deveria apresentar paradoxos e contradições do ser em questão e não construída como uma “história factualmente correta” (DENZIN, 1989, p.23 apud VILAS BOAS, 2006, p.134).

No fundo, embora isto escape ao senso comum, os jornalistas-biógrafos não tecem *a* ou *uma* verdade sobre alguém. Os biografados estão ou estiveram ali, antes de qualquer reconstrução que se possa fazer deles. A compreensão de alguns eus (*selves*) será viável, creio, se o jornalista-biógrafo romper com suas obrigações cartesianas e assumir-se verdadeiramente como sujeito no mundo, sujeito do sujeito em foco e sujeito assumido (declaradamente presente) no mundo de sua narrativa (VILAS BOAS, 2006, p.138).

Assim, não seria necessária a busca do “verdadeiro eu”, já que essa é uma posição praticamente impossível de se conquistar, mas ao mostrar várias facetas do que foi o ser biografado, o autor pode ajudar ao leitor a entender o que foi a vida e a personalidade do indivíduo em questão. E não é preciso depender somente de muitos documentos e citações para buscar a essência do biografado, mesmo estas sendo fontes importantes.

O outro tópico, a transparência, defendido por Sergio Vilas Boas, busca o porquê da maioria das biografias contemporâneas serem narradas oniscientemente. Talvez essa seja uma



convenção da qual os jornalistas-biógrafos necessitam para obter aceitação jornalística, literária, social e mercadológica. No entanto, como a biografia não deixa de ser um livro autoral, Vilas Boas acredita que o jornalista-biógrafo pode ser transparente em seus métodos e expor o que foi possível ou não fazer, “mas não com uma ou duas linhas no prólogo. Refiro-me a expor-se no contexto daquilo que se narra, a fim de imprimir franqueza e liberdade de espírito” (VILAS BOAS, 2006, p.145-146).

Geralmente os biógrafos preferem usar os prefácios e apresentações de suas obras para reafirmar a quantidade de documentos consultados sobre a pessoa, a quantidade de entrevistas feitas, listando o nome dos entrevistados e a grande quantidade de informações que poderiam gerar vários volumes sobre a pessoa biografada.

A transparência seria uma maneira de tentar humanizar, trazer à condição humana as vivências dos personagens reais, fugindo dos estereótipos sociais e conceituais aplicados a pessoas. Segundo Vilas Boas (2006, p.147) a presença explícita do autor na reportagem também ajuda a humanizar. Apesar da maioria dos jornalistas-biógrafos brasileiros escrever de maneira convencional, sem um “eu” ou mesmo sem nenhum eu, não há registros de que eles sejam contra a transparência. O jornalista e biógrafo Ruy Castro, por exemplo, às vezes faz pequenas inserções sobre o processo de produção em suas obras.

Pela idade avançada de muitas de suas fontes, esta biografia foi sofrendo várias baixas entre as pessoas com quem o autor mantinha contato regular, pessoalmente ou por telefone, e que tinham tanto a contar sobre Carmen: o amigo Jorginho Guinle, o embaixador Sergio Corrêa da Costa, o ator Ronaldo Lupo, os pesquisadores Abel Cardoso Júnior e Ary Vascellos, além de Andréa Ozório, Emilinha Borba e Clovis Bornay. Infelizmente não foi possível contar com Aurora – aos noventa anos em 2005, ela continua entre nós, mas suas condições de saúde já não lhe permitiam participar dessa aventura (2005, p.551).

Considerando a biografia como uma das possibilidades da prática em jornalismo literário, o problema da transparência pode tornar-se menor, já que as próprias técnicas desse tipo de jornalismo contribuem para que o autor “apareça” em seus textos, como por exemplo, nas descrições minuciosas, com a diferença de que nesse caso, a não ser que o personagem esteja vivo, não terá como o biógrafo acompanhá-lo por onde for. Um exemplo da descrição vivida pelo biógrafo está em *O mago*, biografia do escritor Paulo Coelho, realizada por Fernando Morais. No trecho a seguir, o biógrafo acompanha Paulo em uma viagem à Hungria em 2005.

[...] Junto com os repórteres, avançam também pessoas com exemplares de seu mais recente sucesso, *O Zahir*, abertos na primeira página, tropeçando no cipoal de fios pelo chão e enfrentando a rispidez dos jornalistas na esperança de conseguir um autógrafo. O pipocar dos flashes misturados à luz azulada dos refletores, dá à cabeça pelada do escritor uma aparência incomum. Como se estivesse em uma pista de dança das boates dos anos 70, iluminadas com lâmpadas estroboscópicas. Apesar do tumulto e do desconforto, ele exhibe um permanente e angelical sorriso, e mesmo afogado em uma maré de perguntas em inglês, francês e húngaro, dá a impressão de estar desfrutando um prazer inigualável: a fama planetária (2008, p.13).

Se o biógrafo quiser dar transparência à narrativa ele pode posicionar-se de vez em quando em primeira pessoa ou compartilhar seus processos intelectuais e intuitivos, mostrando o seu relacionamento com o biografado (vivo ou morto) na própria narrativa, assim como os contextos do biografado, do biógrafo e do processo biográfico. Ou seja, explicitar no texto os pontos de referência que vão ajudar a entender a experiência e a vida daquele indivíduo e também expor os métodos utilizados para a biografia. Outro ponto que pode ajudar na questão da transparência é a natureza das fontes, a interpretação principalmente dos documentos citados anteriormente como fontes estáticas, assim gerando o contexto daqueles documentos.

O próximo tópico, assim como os tópicos verdade e transparência, interfere diretamente na construção e narrativa do texto biográfico: o tempo.

### 3.2.4 Tempo

O tempo da narrativa pode ir e vir desde que o biógrafo compartilhe sua visão de conjunto com os leitores. Não é necessário que o texto biográfico seja linear, mas precisa-se de uma continuidade cronológica, já que o biografado não poderia no seu presente, ser afetado ou alterado por algo que ainda não ocorreu ou por alguém que ainda não conheceu. Ou seja, o “biógrafo como narrador pode se movimentar no tempo de sua narrativa. O que não pode é relatar eventos do futuro da vida do biografado sem que, no tempo da narrativa biográfica, tais acontecimentos estejam compreensíveis para o leitor” (VILAS BOAS, 2002, p.131). Mas, geralmente, a maioria das biografias ainda é construída em ordem cronológica convencional.

Edel assume que, sendo singulares as vidas, deve haver uma forma de expressão para cada uma delas. Em termos de estrutura, Edel acha desnecessário o estritamente cronológico. Isto se pode alcançar, segundo ele, empregando os mesmos instrumentos que tem dado força à narrativa de ficção – reminiscências, capítulos retrospectivos, capítulos breves, saltos da infância à madurez, visões do futuro, incursões no passado (1990, p.28 apud VILAS BOAS, 2006, p.173).

O tempo, na narrativa biográfica, tenderia a encaminhar-se mais para o modo como o biógrafo experimenta o tempo do que para o modo como o biografado o experimentou (exceto se ele/ela estiver vivo durante a pesquisa ou se o biógrafo conheceu pessoalmente o biografado) e também ao tentar encontrar um equilíbrio entre as fontes estáticas (o documento) e o dinâmico (as lembranças). A trama funciona não só no tempo como na memória.

Por isso o tempo do biógrafo é diferente daquele do biografado e ainda diferente do processo biográfico e do tempo do leitor. Afinal, o biógrafo já sabe o que vai acontecer com o

seu personagem (exceto quando ele está vivo), mas as facetas do biografado permitem que o tempo biográfico seja feito de outras maneiras, como por exemplo, a cronologia íntima, ou seja, como os acontecimentos eram ordenados na mente do biografado, muitas vezes na ordem de importância para ele, que nem sempre pode ser acessada pelo biógrafo e pelos leitores.

O tempo na biografia poderá ir e vir, desde que o biógrafo teça os enredos. Assim, é possível que o biógrafo trabalhe com episódios, “construídos em pequenos intervalos de tempo [...] dentro dos quais se possa evidenciar as dimensões do biografado. Não precisam ser cronológicos, numa seqüência que vá, por exemplo, do nascimento à morte” (VILAS BOAS, 2006, p.192). No entanto, os episódios podem ser completos em si mesmos e, às vezes, articuláveis com todos os outros.

A proposta de uma biografia ser construída em episódios que se completam é uma alternativa para o mundo fragmentado de hoje. Uma possível aplicação deste tipo de construção biográfica será visto mais adiante.

#### **4 A BIOGRAFIA E OS NOVOS HORIZONTES**

O processo biográfico, utilizando recursos jornalísticos, visto nos capítulos anteriores, ganha aspectos importantes porque a realidade comunicacional tem mudado bastante através do mundo globalizado, das redes de informações e do saber fragmentado. Sendo assim, hoje também é possível contar com mais recursos para se chegar às fontes e às informações sobre o biografado. Mas ao mesmo tempo, com os dados sendo atualizados a todo o momento, pode ser que se torne difícil manter um controle sobre o que pode ou não ser confirmado durante a apuração do biógrafo.

Para Diana Damasceno (apud PENA, 2004, p.50), que estudou os vários “eus” no processo biográfico, “escrever biografias em nossos dias, requer consciência aguda do processo de reinterpretar o passado como forma particular de construção, sujeito a variados desdobramentos, levando em conta que vidas podem ser entendidas como sistemas complexos”.

Ela ainda afirma que a escrita biográfica privilegia a estrutura seqüencial dos acontecimentos, que geralmente são apresentados na ordem cronológica ou de importância, a partir de uma seleção de milhares de dados disponíveis. Entretanto, o que pode acontecer, hoje e futuramente, é que os biógrafos encontrem momentos altamente valorizados, em detrimento a uma visão mais humanizada do biografado.

Ao buscar a segurança em arquivos, pode ser que o biógrafo acredite que escreveu a verdade sobre o seu biografado, como foi exposto no capítulo anterior. Além disso, nem sempre a intenção do autor dos arquivos é a mesma do biógrafo, além das interpretações (ou reinterpretações). Por isso, muitas vezes é arriscado tentar definir a identidade ou as identidades do biografado em explicações totalizantes.

O jornalista Felipe Pena (2004, p.62) propõe que as biografias sejam feitas a partir da identidade fracionada em múltiplas e similares identidades, denominada por ele como “uma biografia em fractais”. Ou seja, as múltiplas identidades seriam visíveis, pois em determinados momentos, prevaleceria a identidade relacionada à profissão, em outras, aquela ligada à religião, depois à família, e assim por diante. Tudo dependeria dos deslocamentos do personagem pelo espaço social.

Ao dividir o texto em capítulos nominais, e inserindo nesses capítulos histórias que se refiram a eles, o biógrafo assume o seu papel de interpretador. Mas também reconhece que essas histórias encaixam-se apenas primariamente nos capítulos nominais, podendo estar também em outros capítulos, já que os fractais, apesar de independentes são auto-

semelhantes. A própria nomeação dos capítulos não pode ser um limitador. No interior de um epíteto, conferido como valor de identidade, surgirão muitos outros, revelados pelas estórias contadas. [...] . A multiplicidade não é contida nem mesmo pela inscrição nas páginas, já que a multiplicação continua na interpretação do leitor (PENA, 2004, p. 64).

Além disso, existem as identidades moldadas pelas imagens midiáticas, que fornecem modelos e ideais de consumo. Em torno de toda uma complexidade, ao trabalhar com múltiplas identidades inscritas em um indivíduo, “a biografia só pode ser uma reunião de fragmentos a serem dotados de sentido e que elaborarão uma imagem abrangente sobre quem foi aquele sujeito” (PENA, 2004, p.67).

Na proposta de Felipe Pena para esse tipo de produção literária, em cada capítulo o biógrafo escreveria pequenas histórias fora de uma ordem diacrônica. A biografia não teria começo, meio ou fim e o leitor poderia começá-la por qualquer página. Cada fractal apresentaria nas notas do rodapé a referência de sua fonte, mas não haveria dados para uma suposta verificação de veracidade, já que este não seria o objetivo do método. “Quando a mesma estória é contada de maneira diferente por duas fontes, a opção é registrar as versões, destacando a autoria de cada uma delas” (PENA, 2004, p.83-84).

Ele ainda sugere uma possibilidade de interatividade, ao lançar junto com a obra, um site em que o leitor possa contar sua própria história sobre o personagem para ser publicada na próxima edição da biografia. Ou seja, o leitor seria um co-autor e o biógrafo apenas um mediador, aquele responsável pela reconstrução das histórias.

A proposta de Felipe Pena é uma das maneiras possíveis para se reconstruir a identidade de uma pessoa hoje, mesmo porque há uma fragmentação que segundo ele, seria mais condizente com a questão da identidade atual, abordada no capítulo anterior. No entanto, a

biografia publicada de maneira “convencional” também pode permitir construções que mesmo que ainda sigam um padrão, não precisam ser fechadas nos dados apresentados. Ou seja, ao seguir um padrão talvez seja mais fácil para o leitor reconhecer o personagem imediatamente, mas que, ao mesmo tempo, seja possível o acesso a uma imagem “mais humana” do biografado.

Não é apenas uma questão de humanizar, já que a biografia oferece ao leitor a reconstrução da vida de uma pessoa que possuiu uma identidade maior (e múltiplas identidades menores que compuseram a principal). Uma outra proposta de construção da biografia seria o resgate do ser, e não apenas do mito ou dos fatores que o mitificaram. A próxima etapa deste estudo é analisar duas biografias publicadas em um espaço de três anos entre elas, mas concluídas nesta década.

#### 4.1 A BUSCA PELO HUMANO: OBRAS ESCOLHIDAS

Este trabalho vai analisar duas biografias produzidas depois do ano de 2001, ou seja, realizadas no início deste século, supostamente favorecidas pelo grande fluxo disponível de informações e pelas facilidades comunicacionais provocadas pelos avanços tecnológicos, que conseguiram derrubar muitas barreiras em relação à rede de informações.

As obras escolhidas foram escritas por dois jornalistas-biógrafos, considerados os mais respeitados atualmente no Brasil: Ruy Castro e Fernando Morais, respectivamente com as obras, *Carmen, uma biografia* (publicada em 2005) e *O Mago* (2008). A primeira é sobre a vida da cantora Carmen Miranda, que em 2005 completava exatamente 50 anos de morte. Já a segunda obra trata da vida do escritor Paulo Coelho, considerado pelo livro Guinness de Recordes, o escritor vivo mais traduzido em todo o mundo. Os dois biografados também

obtiveram sucesso em suas carreiras internacionais. A principal diferença é que a primeira biografia tem como personagem uma pessoa que já está morta e a segunda, um homem vivo.

A escolha dessas duas obras se justifica pelas diferenças entre biografias de mortos e vivos e pelas possibilidades de visões que elas oferecem sobre os biografados em cada caso. Outra questão é que foram relatos produzidos já no início deste século, ou seja, em um momento que há grande quantidade de informações circulando a todo instante e que tem a tendência de se tornar cada vez maior.

Este é um fator que pode possibilitar o interesse de leitores em escala mundial, já que os biografados em questão tiveram (ou tem) projeção internacional, principalmente no caso de *O mago*, biografia que já foi traduzida para a Hungria e Espanha e com muitas possibilidades de chegar a outros países. Nos itens a seguir, apresenta-se o perfil de cada um dos autores e mais algumas informações sobre as obras escolhidas.

#### 4.1.1 **Fernando Moraes e *O Mago***

Fernando Moraes começou sua carreira jornalística em 1961 e trabalhou em várias redações como a do Jornal da Tarde, Veja, Folha de S. Paulo e também na TV Cultura. Além de jornalista também foi deputado estadual (MDB-SP e depois PMDB-SP), secretário estadual de Cultura e também da Educação pelo estado de São Paulo. Recebeu vários prêmios ao longo de sua carreira jornalística.

Seu primeiro sucesso editorial no país foi *A Ilha* (Alfa-Omega, 1975, reeditado pela Companhia das Letras em 2001), um livro-reportagem sobre sua viagem à Cuba. Escreveu, entre



outros livros, *Transamazônica* (Brasiliense, 1970, com Ricardo Gontijo e Alfredo Rizutti), *Olga* (Alfa-Omega, 1985, reeditado pela Companhia das Letras em 1993), *Chatô, o rei do Brasil* (Companhia das Letras, 1994), *Corações sujos* (Companhia das Letras, 2000), *Cem quilos de ouro* (Companhia das Letras, 2002), *Na toca dos Leões* (Planeta, 2004) e *Montenegro* (Planeta, 2006).

Seus livros já foram traduzidos em dezenove países. E em 2001, *Corações sujos* recebeu o Prêmio Jabuti como “Livro do Ano de Não-Ficção”. Depois, a biografia *Olga* foi transformada em filme e visto por mais de cinco milhões de espectadores.

Morais afirmou em entrevistas e palestra<sup>4</sup> que decidiu biografar Paulo Coelho depois de tentar fazer uma biografia sobre o presidente venezuelano Hugo Chávez. No entanto, ao chegar na Venezuela, descobriu que outro jornalista brasileiro já estava em fase de produção sobre a história do estadista. Depois, ao conversar com seus editores, pensou que Coelho seria um bom personagem, por causa da fama mundial, mas ao mesmo tempo ser uma descoberta, já que não sabia muito sobre o escritor carioca e nunca havia lido nenhum de seus livros.

#### 4.1.2 Ruy Castro e a “pequena notável”

Ruy Castro começou sua trajetória como repórter em 1967, no *Correio da Manhã*, do Rio, e passou por grandes veículos da imprensa carioca e paulistana, como por exemplo, a *Folha de S. Paulo*, onde atualmente é colunista. De 1990 até hoje, construiu sua carreira como biógrafo.

---

<sup>4</sup> Fernando Moraes esteve em Juiz de Fora em setembro de 2008 para a divulgação do seu último lançamento *O Mago*, em entrevistas e palestra realizada no dia 17/09/2008

Naquele ano, publicou o livro *Chega de Saudades*, no qual conta a trajetória da Bossa Nova. Depois, biografou Nelson Rodrigues (*Anjo Pornográfico* - 1992), Garrincha (*Estrela Solitária* - 1997), além de escrever livros sobre Ipanema e o seu time de “coração”, o Flamengo.

Em entrevista à equipe do site Resenhando, Castro explica porque escolheu Carmen Miranda para biografar:

“[...] Sempre gostei de variar de personagem. Depois de escrever sobre um teatrólogo (Nelson Rodrigues) e um jogador de futebol (Garrincha), achei que gostaria de biografar uma mulher. Pensei logo em Leila Diniz e em Carmen. O foco sobre Leila espalhou-se por Ipanema e se transformou no livro *Ela é Carioca*. Mas Carmen merecia um livro só para ela. Hoje está claro para mim que, além de fabulosa cantora, ela foi uma das moças mais modernas e revolucionárias de seu tempo. Carmen era independente, falava palavrão e todo mundo sabia que tinha vida sexual com o namorado, mas ninguém lhe faltava ao respeito” (2008).

A biografia de Carmen Miranda foi publicada em 2005, quando a cantora completou 50 anos de morte; em fevereiro de 2009 ocorrerá o seu centenário.

#### 4.2 – ANÁLISE BIOGRÁFICA

A análise das duas biografias será desenvolvida a partir de dois tópicos: pela passagem de tempo, a cronologia e o enfoque dado às fases da vida e a segunda consiste em analisar se o enfoque sobre as realizações do personagem prevaleceu sobre a vida do biografado na reconstrução de identidade, como reforço de uma possível imagem pré-concebida.

Afinal, o humanismo, significa fugir aos estereótipos sociais e conceituais aplicados a pessoas com o objetivo de humanizar, ou seja, trazer à condição humana as vivências de personagens reais. Esse é o compromisso mais evidente em perfis e pesquisas com histórias de vida. “O ser humano, e a busca por compreendê-lo, é o foco em todo o tipo de matéria e em toda

editoria de todos os jornais e nas revistas que publicam matéria de jornalismo Literário ou Narrativo, também presente em livros-reportagens, biografias e documentários audiovisuais” (LIMA, apud VILAS BOAS 2006, p.53-54).

Se um dos objetivos desse tipo de obra seria trazer os biografados à condição humana, o próximo passo é verificar se eles estão mais próximos do humano ou da imagem pré-concebida, gerada pelo senso comum.

#### 4.2.1 Cronologia

Levando-se em consideração que os tempos de vida poderiam se dividir em nascimento, infância, adolescência, fase adulta, velhice e morte, os biografados escolhidos não têm todas essas fases retratadas porque elas não se realizaram ainda ou de fato não se concretizaram. Também não é necessário que uma biografia contenha todas essas fases para que se consiga traçar o perfil de um personagem.

As biografias, de maneira geral, tendem a transformar o nascimento e a morte do biografado em grandes acontecimentos. São ricas em descrições de contextos e da expectativa de pais e familiares para o nascimento; a morte, geralmente é envolta por um véu de mistério ou de também expectativa, mesmo que no texto esteja evidente a sua aproximação.

Sobre o nascimento de Paulo Coelho, Fernando Morais explora as complicações do parto e da possível morte do recém-nascido. Talvez como uma maneira de tentar mostrar que o escritor sempre tentou sobreviver às adversidades impostas pela vida. Aliás, Fernando Morais afirmou que o primeiro título que pensou para a biografia estudada foi *O sobrevivente*, já que

segundo o autor, Paulo Coelho esteve perto da morte várias vezes. Assim, o nascimento do escritor carioca é retratado da seguinte maneira:

Paulo Coelho de Souza nasceu em uma chuvosa madrugada de 24 de agosto de 1947, dia de São Bartolomeu, na Casa de Saúde São José, no Humaitá, bairro de classe média do Rio de Janeiro, Brasil. Nasceu morto. Os médicos previam dificuldades naquele parto, o primeiro da jovem dona de casa Lygia Araripe Coelho de Souza, de 23 anos, casada com o engenheiro Pedro Queima Coelho de Souza, de 33 anos. O bebê seria não apenas o primogênito do casal, mas também o primeiro neto dos quatro avós e o primeiro sobrinho de tias e tios de ambos os lados. Os exames iniciais apontavam um risco considerável: a criança parecia ter ingerido uma mistura fatal de mecônio [...] com líquido amniótico. Depois disso, só um milagre o faria nascer com vida (2008, p.63).

Já no caso de Carmen Miranda, Ruy Castro quer provar que ela só não nasceu no Brasil por uma questão de meses, pois seus pais já estavam com quase tudo pronto para deixarem Várzea da Ovelha, em Portugal, e virem para o Brasil. Depois do relato dos preparativos da viagem do casal, o próximo assunto é o nascimento de Carmen em Portugal e o surgimento de seu apelido:

Maria do Carmo nasceu às três horas da tarde de um inverno gelado, no sobrado de pedra composto de um térreo e de um andar, com chão de terra batida, sem luz e sem água, em que seus pais moravam de favor. Nasceu de bruços – donde, como rezava a superstição, seu pai pensou que fosse um menino. (A superstição dizia também que mulher que nasce de bruços é estéril). [...] Normalmente, as Marias do Carmo portuguesas tornavam-se apenas Carmo. Mas Amaro, irmão de Maria Emilia [mãe de Carmen] e eventualmente também barbeiro, era boêmio, tocava violino e cantava – talvez nunca tivesse ouvido falar em Prosper Mérimée, mas sabia uns tostões de ópera e, ao ver a pequena Maria do Carmo, “morena como uma espanhola”, associou-a à então popularíssima *Carmen* de Bizet. O apelido pegou em família, e Maria do Carmo tornou-se, para sempre, Carmen (2005, p.12).

Nos dois casos há a composição das situações em que os biografados vieram ao mundo, mostrando-os como acontecimentos especiais que mudariam a vida de muitas pessoas. Há a reconstituição do tempo, da hora do nascimento e do lugar. Ruy Castro foi à Várzea da Ovelha (hoje pertencente a Marco de Canavezes), em Portugal, e Fernando Morais, além de outros parentes, entrevistou o pai do biografado, Pedro Queima Coelho de Souza. Diferentes

possibilidades para situações diversas, afinal Ruy Castro fez apurações sobre uma personagem que nasceu há quase cem anos atrás. E Fernando Morais teve a possibilidade de contar com um dos pais do biografado, vivo no momento da apuração.

Nas duas biografias, a narração após o nascimento prossegue em ordem cronológica e o próximo assunto a ser tratado é a infância. Nas histórias de infância, os biógrafos deixam entrever na criança traços da identidade que os distinguiria socialmente no futuro, mas será que os acontecimentos futuros já poderiam ser previstos nas atitudes da infância? A Carmen menina é retratada de maneira mais rápida, talvez por falta de fonte, já que para esclarecer sobre os tempos de criança da cantora, Ruy Castro pôde recorrer basicamente a apenas uma das irmãs Miranda<sup>5</sup>, Cecília:

[...] Havia na Joaquim Silva uma casa abandonada, em que brincavam de teatrinho, fazendo pequenas encenações, cantando e declamando. Um garoto retardado, Constantino, também morava por ali – tinha um jeito torto de andar e Carmen, com a crueldade típica das crianças, o imitava. Com os meninos, Carmen jogava futebol. E, com as meninas, ia para um terreno nos fundos da casa abandonada – arriavam as calcinhas e disputavam para ver quem fazia xixi mais longe (2005, p.17).

Já para contar sobre a infância de Paulo Coelho, Fernando Morais pôde contar com a ajuda do próprio biografado, além de amigos e vizinhos, sendo essa uma história mais acessível do que a de Carmen Miranda. Morais retrata Paulo como um garoto rebelde, que não gostava de

---

<sup>5</sup> Carmen Miranda tinha cinco irmãos: dois homens e três mulheres. Apenas a irmã mais velha, Olinda, não assistiu ao sucesso de Carmen porque morreu antes que isso se concretizasse. No entanto, segundo Ruy Castro, ela foi a principal influência de Carmen, já que também tinha pendores artísticos. As outras irmãs, Cecília e Aurora, além de participarem ativamente do sucesso de Carmen, também tentaram carreiras próprias, mas as abandonaram quando se casaram. No entanto, Aurora desfrutou de uma projeção maior, por fazer a primeira gravação da música “Cidade maravilhosa” e participar de filmes dos estúdios de Walt Disney, como em “Você já foi à Bahia?”, sendo um dos primeiros seres humanos a contracenar com uma animação, técnica muito recente na época, aparecendo ao lado de Pato Donald e Zé Carioca, cantando a música “Quindins de Iaiá”, de Ary Barroso. Na apuração para a biografia de Carmen Miranda, os outros irmãos já tinham falecido e restavam apenas Aurora e Cecília. No entanto, Aurora já estava com a saúde debilitada e foi Cecília quem pôde dar mais informações. Aurora faleceu em dezembro de 2005, dois meses após a publicação de *Carmen, uma biografia*.

estudar, mas gostava de ler. Paulo chegou a criar junto com seu primo e xará Paulo Araripe, a Organização Arco, responsável por vários fatos estranhos na vizinhança.

Mal saído dos cinco anos, ele era visto pelos adultos vizinhos como influência negativa em seus filhos. [...] Para espanto de Lygia e Pedro, o que antes era uma mera suspeita começou a ganhar contornos de verdade: era do [Paulo] Coelho a responsabilidade por muitas coisas estranhas que vinham acontecendo na pequena comunidade. Primeiro foi uma menina que apareceu abraçada a uma árvore, com os pés e mãos amarrados por cordas, e que não tivera coragem de denunciar o autor da maldade. Depois veio a notícia de que, na calada da noite, os meninos organizavam corridas de pintinhos de um dia – competições que terminavam com a morte por esganadura de todos os concorrentes, à exceção do vencedor. Um dia alguém substituiu por água o conteúdo dos vidros de laquê das mocinhas da vila. [...] Em um esconderijo dos meninos ela [Cecilia Arraes, prima de Coelho] encontrou uma pasta cheia de papéis reveladores: tudo aquilo era obra de uma “organização secreta” com estatutos, diretoria e atas das reuniões regulares. Era a Organização Arco – sigla retirada das duas primeiras letras dos sobrenomes Araripe, de Paulo Araripe, e Coelho, de Paulo Coelho, os autores dos pequenos delitos (2008, p.72).

Paulo foi mostrado em sua biografia como um garoto inteligente, mas contraventor, e Carmen como uma menina, que gostava de cantar, fazer teatrinho e imitar as pessoas e, ao mesmo tempo, ser diferente das demais. Esses são sintomas de que os biógrafos, nos dois casos tiveram preferência por facetas visíveis em relação ao futuro.

Em suas apurações e interpretações, pode ser que os biógrafos fiquem presos a uma imagem pré-estabelecida e quando redigem a biografia, a fazem de uma maneira que até a fase infantil do biografado já se apresenta como uma previsão do futuro ou que talvez durante a apuração, as fontes já indiquem que os biografados sempre “foram daquele jeito”. Ou seja, as próprias fontes já estariam induzidas pela imagem mais conhecida do personagem biografado, já que estão fazendo um resgate através da memória e assim podem se esquecer de outras particularidades que talvez o aproximassem de uma figura mais humana. No entanto, nas biografias em geral, é possível encontrar um lado mais humanizado do personagem nos primeiros anos de vida.

Os relatos prosseguem com a cronologia convencional, e a próxima fase a ser retratada é a adolescência. Talvez seja o ponto de maior distinção entre os dois biografados, já que Carmen foi uma adolescente que começou a trabalhar cedo para ajudar aos pais (CASTRO, 2005, p.24-25) e Paulo, segundo Moraes, tentou tornar-se conhecido de todas as maneiras porque naquela época já queria ser escritor. No entanto, continuava um adolescente rebelde, enfrentando, principalmente, seus pais (MORAIS, 2008, p.134).

A adolescência nas duas biografias analisadas, é o momento em que de certa forma, os personagens já estão se preparando para o sucesso futuro. No caso de Carmen, isso acontece de maneira mais rápida já que ela estoura como cantora antes de completar vinte anos. Para Coelho, segundo Fernando Moraes, a adolescência foi uma fase de decisão pois teria sido nessa época que o escritor escolheu o que faria da vida, apesar de ter demorado a conquistar esse objetivo.

Em *O Mago*, o sonho de tornar-se escritor é uma constante em todo o livro e de uma certa forma, deixa aparente a defesa de Moraes de que é essa a idéia central de toda a trama da vida de Paulo Coelho, contribuindo, aparentemente, mais para o conhecimento de sua faceta como o escritor famoso mundialmente do que para aquela que ressaltasse o ser humano Paulo. No entanto, como trata-se de um biografado vivo, o próprio personagem principal e as outras pessoas participantes de sua trajetória, podem, de fato, ter (com)provado ao biógrafo que Paulo Coelho, desde a adolescência desejava ser escritor. Além disso, uma das fontes utilizadas por Moraes são os intermináveis diários de Paulo Coelho, escritos ao longo de vários anos.

Depois dessa fase, as duas biografias começam a seguir rumos um pouco diferentes já que Carmen entra na fase adulta começando a se realizar profissionalmente, no Brasil, e Paulo é mostrado como um adulto confuso que começa a passar por várias funções diferentes, mas que

ainda se encontra distante de alcançar, o que Morais afirma, ser seu grande sonho a ser realizado: ser escritor.

As questões que pertencem à vida adulta serão analisadas com mais detalhes adiante e continuando sobre a seqüência, pode se dizer que as duas biografias seguem o tempo cronológico praticamente durante toda a narração. Principalmente em *Carmen, uma biografia*, obra na qual Ruy Castro nomeia os capítulos e ao mesmo tempo indica qual é o ano da vida da cantora, por exemplo: “1940 – Silêncio na Urca”.

Quando os relatos das duas biografias vão chegando ao final, o que se vê é uma nítida diferença de um personagem em ascensão e outro se aproximando de seu fim, Paulo Coelho e Carmen Miranda, respectivamente. Segundo Ruy Castro (2005, p.509-510), a grande ingestão de anfetaminas e barbitúricos foi aos poucos destruindo o organismo de Carmen, mas ninguém percebia que os medicamentos eram os culpados, porque muitos artistas de Hollywood os usavam constantemente. Mesmo com todos os problemas da cantora narrados pelo biógrafo, Ruy Castro conseguiu manter traços da humanidade de Carmen, principalmente nos momentos em que ela se encontrava mais fragilizada no relato. No entanto, ele também atribuiu à ingestão dos remédios as grandes variações de humor que ela apresentava, já que, antes disso, segundo o biógrafo, Miranda quase nunca se entristecia.

O declínio de Carmen Miranda foi mostrado a partir do fato dela não conseguir controlar mais o próprio organismo, ao mesmo tempo em que não conseguia desacelerar o ritmo de sua carreira. É nesse ponto da obra que Castro começa preparar o leitor para o fim da vida da cantora e tenta humanizá-la, colocando-a cada vez mais próxima da morte, através do seu desgaste físico escondido atrás da intensa rotina. Nestes momentos finais, talvez o ponto que seja mais visível do “ser” Carmen Miranda em declínio é o capítulo (CASTRO, 2005, p.516-535) que



narra sua última passagem pelo Brasil com vida. Nesse momento ela é colocada em dúvida sobre os rumos a seguir e percebe que, se talvez voltasse para este país, sua vida talvez pudesse ser mais saudável e com menos problemas.

No momento em que a morte chega, Ruy Castro dá detalhes da grande quantidade de atividades realizadas nas últimas vinte quatro horas de vida da cantora, interrompidas apenas em um momento, durante uma gravação de um programa de TV, quando ela não conseguiu manter-se de pé e caiu. Ninguém deu muita importância a esse fato, inclusive ela mesma, pois prosseguiu com o número que estava fazendo. Quando chegou em casa, espaço em que recebia sempre muitas visitas, ficou horas conversando, cantando e fazendo outras coisas costumeiras sempre, quando o local estava cheio. Quando se retirou para dormir é que aconteceu sua morte. Segundo Castro, teria sido a morte perfeita para não abalar a alegria alheia, ou seja, a das visitas que ainda estavam em sua casa, mas que ignoravam a morte da anfitriã em seu quarto.

Carmen entrou em seu quarto, tirou o *tailleur* e vestiu um robe. Acendeu um cigarro, deu uma tragada, deixou-o no cinzeiro. Foi ao banheiro para retirar a maquiagem, usando *cold cream* e um lenço de papel. Na volta, no pequeno hall entre o banheiro e o quarto, onde ficava sua coleção de perfumes, o ar lhe fugiu de novo, as pernas lhe faltaram, e Carmen caiu pela última vez – ali mesmo, com um espelho na mão. Uma oclusão de coronárias fizera explodir uma vasta área do seu coração – um infarto maciço.

[...] De todos os seus contratos de trabalho devia constar secretamente essa cláusula, garantindo que ela viera ao mundo para espalhar tal alegria. Carmen a cumpriu até o derradeiro show. E esperou cair a cortina para poupar a platéia, por menor que fosse, de uma cena tão pouco Carmen, tão fora do seu estilo (CASTRO, 2005, p.546).

O segundo trecho acima, aliás, é o último parágrafo do último capítulo. Para completar a obra, Castro escreve um epílogo contando sobre o velório e o enterro de Carmen no Brasil e o destino de seus bens, inclusive a grande quantidade de fantasias e adereços confeccionados ao longo dos anos de carreira.

O que muitas vezes falta às biografias, de modo geral, são os relatos de alguns detalhes práticos do cotidiano, não relacionados, às vezes, diretamente ao biografado. Por exemplo, no caso da biografia de Carmen Miranda, alguns detalhes da vida de seus familiares depois da morte da cantora não foram muito bem esclarecidos, como a divisão de bens, uma possível volta da irmã Aurora Miranda à vida artística e o destino de Dave Sebastian, viúvo de Carmen. Apesar de não serem eles os personagens principais, o fato do biógrafo preocupar-se em explicitar pontos que não foram explorados com os personagens coadjuvantes pode resgatar um pouco mais, o lado humano do protagonista, por se tratar de pessoas e assuntos do seu cotidiano.

A biografia de Paulo Coelho apresenta semelhança nessa característica de não explicar ou não revelar alguns detalhes que poderiam resgatar a humanidade do personagem e deixar a identidade central do livro, ou seja, a que se confunde com o mito, para mostrar as emoções do biografado. Na biografia escrita por Fernando Morais é gritante a diferença dada à narrativa do livro a partir do capítulo 25, quando Paulo Coelho, de fato, já é considerado um best-seller. A partir da confirmação de sucesso do escritor, a narrativa torna-se uma sucessão de números de livros vendidos, cada livro superando o anterior em número de vendas, da saga do autor já consagrado com as editoras internacionais e da grande investida da imprensa contra o escritor carioca.

Além disso, o que se vê é apenas o novo grande desejo do escritor de entrar para a Academia Brasileira de Letras. Alguns acontecimentos não são relatados diretamente na narrativa, e o leitor permanece sem saber, por exemplo, qual o impacto na vida de Paulo Coelho da morte de sua mãe, em 1993. A menção ao fato, feita por Morais, é que Coelho não conseguiu vir ao Brasil para o enterro da mãe porque estava no Canadá. Mas não explicita o que ele teria

sentido ao saber da notícia, quais as suas reações. E, no entanto, Lygia foi uma personagem muito presente nos primeiros capítulos da biografia do escritor.

Ao contrário da biografia de Carmen Miranda em que é justamente no final que Ruy Castro dá a personagem mais valorização humana, Fernando Morais se afasta deste aspecto em *O Mago* nos capítulos finais, ao retratar um homem estritamente ligado ao sucesso, uma celebridade ao redor do mundo. O questionamento que ficaria é se o biógrafo, nos momentos de apuração e interpretação dos fatos, deixou-se seduzir por esse lado de “grande vendedor de livros” de seu biografado, ou seja, rendeu-se à obra, ou se foi justamente o direcionamento dado à sua apuração e à sua interpretação que o levou à ênfase para a reconstrução da obra e não da identidade de Paulo Coelho nos capítulos finais do livro.

No entanto, ao final de sua narrativa, Fernando Morais dá voz ao seu biografado ao reproduzir uma carta que recebeu dele, escrita no dia 24 de agosto de 2007, data do aniversário de 60 anos de Paulo Coelho.

Por que escrevo? Porque hoje, ao contrário de meus outros dias, tenho uma imensa vontade de voltar ao passado. Mas usando olhos que não são meus, e sim os daquele que teve acesso aos meus diários, aos meus amigos, aos meus inimigos, a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória. Gostaria muito de estar lendo minha biografia agora, mas pelo visto ainda vou ter que esperar (COELHO apud MORAIS, 2008, p.607).

A carta é o último sopro de humanidade presente na biografia de Paulo Coelho. De uma certa forma, foi um resgate ao ser biografado que no início e meio da obra se apresentou com suas angústias, esperanças, medos, alegrias e no final deu lugar a um outro ser, viajando de país a país para ver o sucesso de perto, retratado como celebridade, convivendo com grandes figurões e tendo como objetivo tornar-se um membro da Academia Brasileira de Letras. Não é que esses fatos o tornem menos humano, mas é que no relato desses feitos, não há mais uma

imagem interior do personagem e referências a como ele reagia a cada mudança na sua vida desde que começou a fazer sucesso como escritor.

O sucesso, aliás, faz parte do próximo tópico, e é onde muitas vezes o biógrafo pode perder-se na obra do biografado, nas suas realizações e se esquecer de que estava contando sobre a história de vida, as emoções e os sentimentos de uma pessoa, seja ela viva ou morta.

#### 4.2.2 – Realizações da vida

Nas biografias, de maneira geral, o sucesso é contado quando o biografado já está na fase adulta. E é nesse momento que o biógrafo costuma abandonar a “pessoa” biografada e relatar somente o que o “realizador” faz, não o que ele sente. Vilas Boas (2006, p.78) afirma: “o ser humano central vai desaparecendo, na medida da reputação alcançada. Curiosamente, a ânsia de descrição da obra transforma o protagonista em mero coadjuvante”.

Nas duas obras analisadas há diferenças em relação a este aspecto. Em *Carmen, uma biografia*, o relato do sucesso da cantora abrange duas décadas e dura até a sua morte. Em mais de vinte anos de carreira, muitos acontecimentos povoaram a vida profissional de Carmen Miranda, assim como em sua vida particular também houve a narração de fatos muito importantes. E muitas vezes também foi mostrado como um aspecto interferia diretamente no outro, como geralmente acontece nas vidas humanas. No tipo de relato realizado por Ruy Castro torna-se possível ver os “sintomas” de humanidade em Carmen mais facilmente na narrativa, com alguns momentos mais ou menos presentes dependendo da fase da carreira da cantora.

Já em *O mago*, o “ser” Paulo Coelho é localizável na fase adulta em grande parte da narrativa, enquanto ele não consegue escrever o “tão desejado” livro, mostrado como objetivo de vida desde a adolescência, mas que só consegue realizar às vésperas de completar quarenta anos de idade. O trecho abaixo mostra, assim como em outros momentos dos capítulos finais, como é a nova vida do escritor. O episódio retrata Coelho sendo desprezado pelos escritores brasileiros e aclamado pelo ex-presidente francês Jacques Chirac, em 1998, no Salão do Livro de Paris.

Diante do olhar desconcertado dos brasileiros, a certa altura o presidente Chirac afastou-se do grupo, entrou no estande das Éditions Anne Carrière, cumprimentou a editora e, com um enorme sorriso no rosto, abraçou efusivamente Paulo Coelho, cobrindo de gentilezas o único autor brasileiro que lera, como se saberia depois, e a quem condecoraria dois anos depois com a prestigiosa Légion d’Honneur, a mesma que no passado fora colocada na lapela de celebridades internacionais como Winston Churchill, John Kennedy e até de alguns brasileiros ilustres, como Santos Dumont, Pelé e Oscar Niemeyer (MORAIS, 2008, p.538).

Após esta passagem não há comentário ou indício da reação de Paulo tanto ao gesto do ex-presidente francês ou quanto da condecoração que recebeu dois anos depois deste encontro. Logo após este relato, Moraes abre espaço para falar de mais uma quebra de recordes do escritor, o que aliás, torna-se corriqueiro ao longo dos cinco últimos capítulos.

Em *O mago*, é narrado o fato de que Paulo realizou muitas coisas antes de tornar-se escritor: teve uma editora, trabalhou em jornais e revistas, fez parceria com Raul Seixas no mundo musical, e com isso teve sua primeira experiência com a fama; viajou pelo mundo, entre muitas outras coisas. Nessa fase ainda está visível o Paulo ser humano, inclusive com várias crises de depressão. Fernando Moraes não diz se Paulo voltou a ter depressão depois da fama. Talvez o indício de que o escritor não tenha tido mais problemas com isso é quando Paulo reencontra a espiritualidade. No entanto, não fica claro como é o Paulo Coelho hoje em uma

outra visão que não seja a de best-seller mundial. E de uma certa forma, parece um pouco contraditório, já que Fernando Morais conviveu três anos com o escritor, indo várias vezes à casa dele e até mesmo tendo viajado com Paulo Coelho.

Um dos momentos em que Morais talvez tenha tido mais êxito em mostrá-lo como um simples ser humano foi quando Paulo Coelho teve uma epifania, no campo de concentração de Dachau na Alemanha, em 1982. Foi nesse momento, segundo o biógrafo, que Paulo Coelho “renasceu”; foi a partir daí que ele reencontrou a fé e buscou os caminhos da magia.

Outra questão não abordada por Morais são os filhos. Paulo Coelho, mostrado na biografia como um homem que teve muitas mulheres durante a vida e algumas experiências homossexuais, teria encontrado a “mulher de sua vida”, no início dos anos 80: a artista plástica Christina Oiticica. Não há referência a filhos ou ao desejo de tê-los nem com Christina ou com qualquer outra mulher. Apenas uma das namoradas concretizou uma gravidez, mas decidiu abortar o filho que esperava de Paulo Coelho. Não é o caso de se pensar que todas as biografias sejam obrigadas a ter uma menção a filhos, mas essa pode ser uma curiosidade do leitor em saber porque a pessoa biografada não teve filhos, por exemplo.

Em *Carmen, uma biografia*, o autor explora o lado maternal de Carmen Miranda afirmando que a cantora abandonaria tudo se tivesse um filho. Segundo Castro, ela quis se casar, mas os homens não a levavam a sério, mesmo porque, no auge da carreira, muitas vezes ela se relacionava com homens mais novos ou que já eram casados e nenhum deles mudaria sua condição naquele momento para unir-se a ela. Quando encontrou alguém que a pediu em casamento, Carmen não pensou nas possíveis conseqüências e se casou. Era o americano Dave Sebastian, homem sem uma profissão definida, mas que circulava por Hollywood.

No entanto, a cantora tentava, mas não conseguia engravidar e quando finalmente conseguiu, abortou e não pôde tentar mais vezes por recomendações médicas. Ruy Castro coloca a questão de ser mãe como o maior sonho de Carmen que não pôde ser realizado. Há um trecho do livro que relata, quando a cantora já está próxima da morte, a aproximação entre ela e um jovem brasileiro de dezesseis anos, que teria idade para ser seu filho. Ela o aconselhava como se fosse sua mãe e enchia-se de cuidados para que a sua estadia nos Estados Unidos não tivesse problemas. Assim como com esse rapaz, ela se ocupava com os sobrinhos e com todas as crianças que aparecessem em sua casa de Hollywood.

Além dos filhos, ou nos dois casos, a ausência deles como participantes de uma possível realização pessoal em determinadas fases da vida, o que mais se encontra nas duas biografias é o relato do verdadeiro auge. No caso da biografia de Carmen Miranda, ela alcança dois tipos de sucesso: o primeiro a consagra como cantora no Brasil. Depois, quando vai para os Estados Unidos, ela não demora muito a ser revelada e primeiro conquista a Broadway, ou seja, o teatro americano e depois Hollywood, o máximo que se poderia conquistar no cinema e com isto, o alcance mundial. É nessa fase, que Carmen começa sua carreira internacional, no início da década de 1940. No pós-guerra, segundo Castro, ela pôde constatar que também era muito querida e famosa na Europa, quando fez sua única turnê européia.

No caso de Paulo Coelho, que já era um pouco conhecido por causa de suas músicas, foi com a publicação do primeiro livro, *Diário de um mago*, que as pessoas passaram a se interessar mais sobre ele. Mesmo assim, segundo Fernando Morais, em um primeiro momento a imprensa desconsiderou o primeiro lugar de Paulo Coelho nas listas dos livros mais vendidos. Quando os jornalistas perceberam que a presença do escritor carioca era cada vez maior nessas listas é que passaram a se interessar mais por ele. No entanto, a receptividade não foi calorosa,

pelo contrário, Paulo Coelho foi o escritor mais massacrado pela imprensa brasileira a cada lançamento de um novo livro, segundo Fernando Morais.

Aliás, é justamente o massacre da imprensa que inclui na narrativa pequenos lampejos de humanidade, perdidos nos capítulos finais de *O Mago*. No início, quando ele se sentia atingido pela crítica. No entanto, depois, quando ficou constatado que a crítica não convencia os leitores do “mago”, Morais deixou de falar sobre as reações de Paulo à crítica. Por fim, o que restou da humanidade de Paulo foi a sua face religiosa, que foi inserida em alguns momentos desses capítulos finais, mas em uma parcela bem menor do que a retratada nos vinte e quatro capítulos anteriores.

A imprensa brasileira, segundo Ruy Castro, também massacrava Carmen Miranda e poucos veículos mostravam-se favoráveis a ela. Somente com sua morte é que houve uma espécie de retratação, mas, mesmo assim, em maior quantidade pelas rádios do que por qualquer outro veículo. A dura crítica brasileira feita aos dois biografados, cada um em suas respectivas épocas, talvez seja o ponto mais em comum que os dois tenham em relação a possíveis obstáculos na carreira, que, na verdade, não se mostraram empecilhos porque, de acordo com suas biografias, nem ela, nem ele perderam nada com as críticas. No entanto, Carmen, tinha menos chances de se defender dos ataques do que Paulo, pois ela ficava sabendo o que acontecia no Brasil com um certo atraso, enquanto Paulo é um biografado cibernético.

Dos anos de carreira relatados nas duas biografias, Carmen manteve-se ativa até o fim da vida, mesmo porque sua morte foi repentina, apesar dos sintomas que já mostravam que sua saúde não estava boa. No caso de Paulo Coelho, sua carreira é mostrada ainda em ascensão, mas sem o furor causado pelo sucesso inicial. Vida e obra se misturam nas duas biografias analisadas, mas as realizações invariavelmente engolem a vida em muitos momentos.



## **5 CONCLUSÃO**

Foi possível observar com os estudos realizados, que a biografia não precisa estar presa a um molde de convencional e que os jornalistas-biógrafos podem ajudar muito nesse ponto por trazerem suas técnicas de apuração, interpretação e redação jornalísticas para o fazer biográfico, que é uma arte ao relatar a história das vidas humanas independentemente do grau de fama que obtiveram em sua vida real.

No primeiro capítulo foram vistos quais são os elementos principais para a construção biográfica a partir do jornalismo: os conceitos empregados pelo jornalismo literário, a memória e o resgate da identidade. A união desses três elementos é o ponto de partida para a produção da biografia. Para a reconstrução da identidade ou identidades do biografado é necessário recorrer ao passado. E este não é acessível em sua totalidade. O passado é construído a partir de fragmentos, das lembranças, das interpretações. E o jornalista, como reconstrutor da realidade oferece a sua interpretação dos fatos que apurou tendo-os presenciado ou não.

As duas biografias analisadas neste estudo *O mago*, sobre a vida do escritor Paulo Coelho e *Carmen, uma biografia*, sobre a cantora Carmen Miranda foram escritas por jornalistas experientes e com várias biografias publicadas cada um, respectivamente, Fernando Morais e Ruy Castro. Sobre a reconstrução da realidade e identidade nas biografias, pode-se dizer que o que diferencia a concepção das duas obras analisadas são as possibilidades de se escrever sobre uma pessoa viva ou uma pessoa morta, no caso Paulo Coelho e Carmen Miranda, respectivamente.

Os dois autores conseguem traçar a história de pessoas humanas durante a narrativa, mas em determinados momentos, a humanidade pretendida ao contar sobre detalhes da vida de uma pessoa é perdida. Principalmente quando a obra ganha mais destaque do que a vida pessoal no relato. Também não se pode desconsiderar a obra, já que esta também faz parte da vida. O fato

de os biógrafos terem mais acesso a informações na atualidade pode ajudar a localizar fontes remotas, mas não é exatamente a tecnologia que será o fator determinante para a construção de um perfil biográfico mais humano. Isso, é claro, varia de acordo com os métodos de cada biógrafo e com suas preferências para a realização da biografia. No entanto, o próprio Fernando Morais afirma que hoje, pelo menos é mais fácil armazenar e depois consultar a infinidade de dados apurados para a biografia. No entanto, são as fases de produção jornalística como a apuração, a interpretação e a redação dos fatos que afetarão diretamente a biografia que será publicada.

Por isso, a hipótese desta monografia se confirma em parte, já que os biógrafos ainda estão presos ao convencionalismo da obra, mesmo quando o biografado ainda está vivo, como é o caso do escritor Paulo Coelho, em que a possibilidade de resgatar o lado mais humano talvez fosse maior do que no caso de um biografado morto. E já no caso da biografia de Carmen Miranda, o resgate ao “ser” Carmen, foi realizado mesmo que de uma maneira tímida, às vezes, aproxima-se mais da uniformidade, porque acompanha toda a narrativa e não está presente somente em uma parte.

No entanto, o fato de se poder entrevistar o próprio biografado e mais do que isso, poder conviver com ele, vivenciar seus hábitos e manter contato em uma era cibernética pode ser vantajoso para o contrato biográfico estabelecido. Quais serão os rumos que os contratos biográficos e as biografias vão seguir, é uma questão ainda em aberto porque são muitas possibilidades, mas enquanto existirem leitores interessados em buscar uma história individual para se reconhecerem nela, esse segmento editorial ainda continuará encabeçando a lista de livros mais vendidos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. Medios de comunicación e conmemoraciones: estratégias de reactualización y construcción de la memoria. **Signo y pensamiento**: revista da faculdade de Comunicação da Universidade Javeriana, Bogotá: Ed. Javegraf, n.39, p.104-112, 2001. Disponível em: <<http://www.javeriana.edu.co/signoyp/pdf/3911.pdf>> . Acesso em 14 set. 2008.

\_\_\_\_\_. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Galáxia**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, São Paulo: Ed. Educ, n.12, p. 13-26, dez.2006. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/galaxia/article/view/3471/3272>>. Acesso em 15 set. 2008.

\_\_\_\_\_. **Jornalistas, senhores da memória?**. Disponível em: <<http://en.scientificcommons.org/14913948>> . Acesso em 15 set. 2008

\_\_\_\_\_. ; RIBEIRO, Ana Paula G. **Memória, relatos autobiográficos e identidade institucional**. Disponível em: <<http://en.scientificcommons.org/14920734>>. Acesso em 16 set. 2008.

BERGER, Christa. Proliferação da memória: A questão do reavivamento do passado na imprensa. In: BRAGANÇA, Aníbal, MOREIRA, Sônia V. (Orgs). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Ed. Intercom, 2005. p.60-69

BITARELLO, Maria Domingues. **De Lester Bangs a Arthur Veríssimo**: um estudo sobre jornalismo literário. 2004. 64f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social), Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta. (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, p.183-191. Disponível em: <<http://arpa.ucv.cl/articulos /ailusao biografica.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2008.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ed.Ática, 1985.

“CARMEN Miranda me fez voltar atrás quanto a não escrever mais biografias. Era irresistível como artista, como mulher e como personagem” - Ruy Castro. **Resenhando**: o seu site cultural. Ago. 2006. Disponível em: <http://www.resenhando.com/rg/rg2506.htm>. Acesso em 23 out. 2008.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: A vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **Carmen**: uma biografia. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 2005.

ENNE, Ana Lúcia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Fronteiras: estudos midiáticos**, revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo: Ed.Unisinos, v.6, n.2, p. 101-116, jul/dez. 2004. Disponível em: <http://ojs.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/article/view/3095/2905>. Acesso em 17 set. 2008.

\_\_\_\_\_.; TAVARES, Cristiane. **Memória, identidade e discurso midiático**: uma revisão bibliográfica. Disponível em: <http://www.castelobranco.br/pesquisa/vol1/docs/memoria2.doc>. Acesso em 17 set. 2008.

FARO, J. S. **Revista Realidade, 1966-1968**: Tempo da reportagem na imprensa brasileira. Porto Alegre: Age/Ulbra, 1999.

FERNANDES, Vagner. **Clara Nunes**: Guerreira da utopia. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2007.

HUYSSSEN, Andreas. Resistência à memória: usos e abusos do esquecimento público. In: BRAGANÇA, Aníbal, MOREIRA, Sônia V. (Orgs). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Ed. Intercom, 2005. p.22-36

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Ed. Manole, 2004.

MORAIS, Fernando. **Chatô**: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O mago**. São Paulo: Ed. Planeta, 2008.

\_\_\_\_\_. Disponível em: [www.fernandomorais.com.br](http://www.fernandomorais.com.br). Acesso em 02 out. 2008

NORA, Pierre. **Between Memory and History**: Les lieux de mémoire. Disponível em: <http://www.stanford.edu/dept/german/courses/nora.memory.pdf>. Acesso em: 20 set. 2008.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2004.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo literário**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: revista do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro: Ed. FGV, v.5, n.10, p.1-15, 1992. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>. Acesso em: 24 set. 2008

RESENDE, Fernando. **Textuações**: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe. São Paulo: Ed. Annablume; Fapesp, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula G.; BRASILIENSE, Danielle R. “A matança dos inocentes”: questões de memória e narrativa jornalística. **UNIrevista**: revista eletrônica da Universidade do Vale dos Sinos, v.1, n.3, p.1-12, jul.2006. Disponível em: [http://www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/UNIrev\\_GoulartBrasiliense.pdf](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_GoulartBrasiliense.pdf). Acesso em 17 set. 2008

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo social**: revista do departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo, São Paulo: Ed. USP, v.12, n.1 p.201-218, 2000. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial\\_2/pdf/vol12n1/a%20midia.pdf](http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial_2/pdf/vol12n1/a%20midia.pdf). Acesso em 15 set. 2008

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Ed. Summus, 2002.

\_\_\_\_\_. **Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do jornalismo biográfico.** 2006. 207f. Tese apresentada como exigência parcial para obtenção de Título de Doutor em Ciências da Comunicação. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Biografismo:** reflexões sobre a escrita da vida. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.